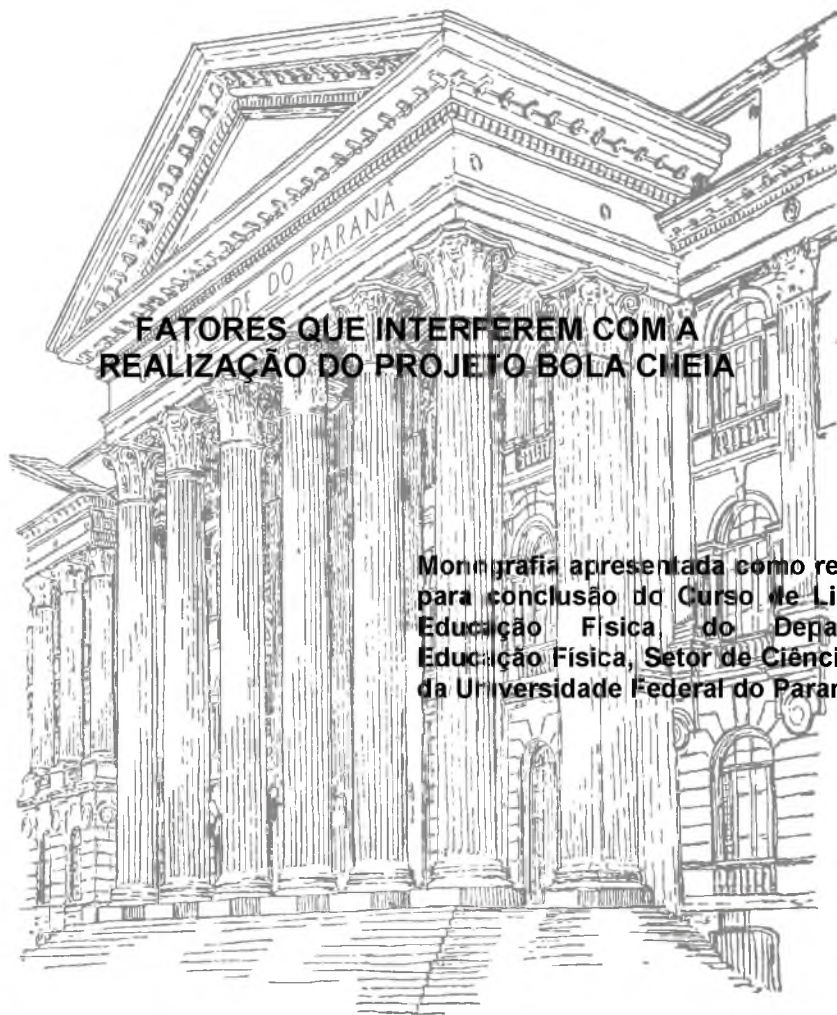


**JOSÉ MAURICIO MARTINS**



**FATORES QUE INTERFEREM COM A  
REALIZAÇÃO DO PROJETO BOLA CHEIA**

Monografia apresentada como requisito parcial  
para conclusão do Curso de Licenciatura em  
Educação Física do Departamento de  
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,  
da Universidade Federal do Paraná.

**CURITIBA**

**2010**

**JOSÉ MAURICIO MARTINS**

**FATORES QUE INTERFEREM COM A  
REALIZAÇÃO DO PROJETO BOLA CHEIA**

**Monografia apresentada como requisito parcial  
para conclusão do Curso de Licenciatura em  
Educação Física, do Departamento de  
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,  
da Universidade Federal do Paraná.**

**Orientadora: Doralice Lange de Souza**

Dedico este trabalho à minha mãe, por sempre me apoiar nas minhas escolhas, pela paciência e pelo amor incondicional. Ao meu pai, que de onde ele estiver, possa comemorar comigo mais esta vitória.

Aos meus irmãos, Kátia e Marcelo, pelo amor e respeito mútuos.

À minha sobrinha, Duda, pelo aprendizado constante e pelo amor que não tem limite.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dora, pela disponibilidade, atenção, força e incentivo.

Aos demais professores do curso, que de alguma forma contribuíram para minha formação.

A todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram e estiveram presentes em minha vida acadêmica.

Aos familiares e amigos por proporcionarem tantos bons momentos, que me fizeram ser o que sou hoje.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE GRÁFICOS</b> .....	vii
<b>RESUMO</b> .....	viii
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1 OBJETIVO GERAL .....	2
1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	2
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	3
2.1 JUVENTUDE, VULNERABILIDADE, VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO SOCIAL .....	3
2.2 PROJETOS SOCIAIS .....	6
2.3 O ESPORTE E O ESPORTE SOCIAL .....	8
2.4 PROJETOS SÓCIO ESPORTIVOS .....	13
<b>3 A SECRETARIA ANTIDROGAS MUNICIPAL E O PROJETO BOLA CHEIA</b> .....	16
3.1 A SECRETARIA ANTIDROGAS MUNICIPAL .....	16
2.1 O PROJETO BOLA CHEIA .....	17
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	21
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	22
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	46
<b>ANEXOS</b> .....	51
Anexo 1 .....	52

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – IDADE .....	22
GRÁFICO 2 – GÊNERO .....	23
GRÁFICO 3 – ESTADO CIVIL .....	24
GRÁFICO 4 – SEM FILHOS .....	25
GRÁFICO 5 – ESCOLARIDADE .....	26
GRÁFICO 6 – ESTUDA ATUALMENTE .....	27
GRÁFICO 7 – TRABALHA ATUALMENTE .....	28
GRÁFICO 8 – COMO CONHECEU O PROJETO.....	30
GRÁFICO 9 – HÁ APROXIMADAMENTE QUANTO TEMPO PARTICIPA.....	32
GRÁFICO 10 – VEM AO PROJETO COM QUEM .....	33
GRÁFICO 11 – QUAIS AS TRÊS PRINCIPAIS RAZÕES QUE TE LEVAM A PARTICIPAR DO PROJETO.....	34
GRÁFICO 12 – DO QUE GOSTA MAIS NO PROJETO .....	35
GRÁFICO 13 – SE NÃO ESTIVESSE NO PROJETO, ONDE ESTARIA NESSE PERÍODO.....	37
GRÁFICO 14 – O QUE TE DIFICULTA A PARTICIPAR DO PROJETO .....	38
GRÁFICO 14 – QUE POSSÍVEIS RAZÕES TE FARIAM DESISTIR DO PROJETO.	40

## RESUMO

### PROJETO BOLA CHEIA: FACILITADORES E BARREIRAS

O presente estudo teve como objetivos identificar o perfil dos participantes do Projeto Bola Cheia e os principais facilitadores e barreiras à realização do programa. Os resultados foram obtidos através de aplicação de questionário, com quinze questões fechadas, posteriormente interpretadas com o software Microsoft Excel 2007. A pesquisa de campo foi realizada na Escola Municipal Maria Marli Piovezan, no bairro Uberaba, em Curitiba, e contou com a participação de oitenta e três participantes. Em relação ao perfil dos participantes verificou-se que a maioria deles encontra-se na faixa etária entre onze e vinte e um anos de idade, são do sexo masculino, solteiros, sem filhos, com o ensino fundamental incompleto, estão regularmente matriculados no sistema de ensino e não trabalham. Conheceram o projeto através dos amigos, participam das atividades a mais de seis meses e freqüentam o programa com os amigos. A modalidade de preferência da maioria é o futebol de salão e os principais facilitadores às atividades são a educadora social contratada pelo projeto e a rede de amigos existente na comunidade. Como principais barreiras estão a falta de apoio dos pais para que seus filhos participem das atividades, o horário do projeto e ainda a possibilidade de encontrar um emprego que inviabilize a participação. Os participantes afirmaram que, caso não existisse o projeto, eles estariam em suas casas durante o horário das atividades, contrariando o estabelecido nas diretrizes do projeto, que pretende tirar crianças e jovens das ruas nos dias e horários de picos de crimes em suas comunidades. Ao final do estudo pode-se concluir que o projeto é um tempo/espço de diversão, que justamente o horário diferenciado torna-se uma barreira às atividades, que a educadora social é o principal facilitador do projeto, que a rede social lá formada é fundamental para a efetivação do programa e, ainda, que mais estudos, nos diferentes locais de atividades do programa, são necessários para um melhor direcionamento das atividades, de acordo com os interesses e realidade dos participantes.

Palavras chaves: Projeto social; facilitadores; barreiras.

## 1 INTRODUÇÃO

Os projetos sociais encontram-se atualmente no foco da questão de combate a violência e prevenção ao uso de drogas. Em sua maioria, o esporte é tido como meio de transformação da realidade social dos sujeitos participantes, pois nele impera o discurso de mudança e inclusão social através de práticas esportivas. A ocupação saudável do tempo, promoção da saúde, alternativa às drogas e à violência são senso comum nos discursos acerca desses planos de intervenção social (SOUZA *et.al.*, 2010).

Gonçalves (2003) afirma que

“afastar as crianças do mundo do crime, tirá-las da rua e da violência têm sido as justificativas mais usadas pelos projetos sociais voltados para as crianças e jovens de comunidades pobres. Todos pretendem ocupá-los com atividades educativas, culturais, de formação e, na maioria das vezes, esportivas” (p. 171-172).

Inserido nesse contexto político e se utilizando do discurso de diminuição da violência e do uso de drogas através da prática esportiva está o Projeto Bola Cheia.

Criado no mês de abril de 2008 e vinculado à Secretaria Antidrogas Municipal o projeto se destaca dos demais com a mesma finalidade devido ao seu horário de funcionamento diferenciado: às sextas-feiras e sábados, sempre das 21:00hs a 01:00h.

Realizado em espaços previamente definidos como áreas violentas e de altos índices de pobreza - geralmente em escolas ou ginásios municipais - o público alvo é de crianças e jovens a partir dos doze anos de idade. A principal modalidade ofertada é o futebol de salão, entretanto outras atividades - como voleibol, basquete, xadrez, vídeos relacionados a atividades físicas – também são oferecidas aos participantes (PROJETO BOLA CHEIA, 2010).

Assim sendo, este trabalho pretende investigar quais os principais motivos que levam os usuários do Projeto Bola Cheia a participarem das atividades



propostas e quais as principais barreiras para a participação no projeto, para assim entender quais possíveis razões poderiam levá-los a deixar de participar do projeto.

Compreender quais as expectativas, preferências e motivos que levam os sujeitos da comunidade a deixarem seus afazeres para participarem das atividades propostas é de suma importância, pois a partir do momento em que se entende a visão do público alvo mudanças até então não evidenciadas por seus idealizadores podem ser propostas, a fim de melhorar os objetivos e função do projeto em questão.

## 1.1 OBJETIVO GERAL

Investigar quais os principais fatores que levam usuários do Projeto Bola Cheia a participarem das atividades propostas e quais as principais barreiras para a participação nas mesmas.

## 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Levantar o do perfil dos participantes;
- Definir os motivos que levam usuários a aderir ao projeto;
- Identificar qual a atividade de preferência dos participantes;
- Verificar se alguém acompanha e quem acompanha os menores até o projeto;
- Investigar onde possivelmente os participantes estariam no dia do projeto caso o mesmo não existisse;
- Comparar os objetivos da proposta oficial do projeto com os motivos apontados pelos participantes para o seu engajamento no mesmo.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 JUVENTUDE, VULNERABILIDADE, VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO SOCIAL

De acordo com os dados do Censo Demográfico do ano 2000, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), naquele ano população de adolescentes com idades entre 12 e 18 anos no Brasil era de cerca de 24 milhões de pessoas. Número já expressivo em relação às demais faixas etárias, representando cerca de treze por cento da população brasileira à época.

Entretanto, a importância de analisar dados referentes aos jovens e adolescentes ultrapassa dados demográficos. A discussão é mais ampla e legitimase pelo “respeito” aos direitos dos jovens e adolescentes e pela importância dessa geração para o “futuro da nação”. Nesse prisma, torna-se eminente a urgência do Poder Público em abordar a questão da vulnerabilidade social desse público. Vulnerabilidade essa que abrange vários fatores como economia (inserção no mercado de trabalho), acesso a serviços sociais básicos, à educação, à profissionalização e, tão importante quanto os demais fatores, o acesso a políticas públicas de lazer.

Quando se fala de juventude, é sabido que, principalmente nos grandes centros urbanos, que grande parte dela enfrenta atualmente inúmeras dificuldades, desafios e incertezas, que são decorrentes de uma realidade social com altos índices de pobreza. Provavelmente, repercussão de uma política socioeconômica que resulta na desigualdade social, provocando a expansão da delinqüência, o aumento do consumo de drogas, a desintegração familiar e, principalmente, a crescente apropriação desigual do lazer que representa um direito constitucional.

A situação das crianças e adolescentes pobres no Brasil é uma questão social, ou seja, uma questão que incomoda a sociedade (CASTEL, 1998). Um grande número de crianças e adolescentes está em situação de vulnerabilidade social. Muitos se encontram efetivamente desamparados da proteção familiar e da comunidade, tornando-se vulneráveis à exploração de terceiros e a uma variedade de perigos físicos e morais. Ao passar a maior parte do tempo na rua e tendo pouco ou nenhum acesso a serviços básicos, como saúde e educação, esse público

convive diariamente com a presença de drogas, violência, marginalidade e exploração, seja nas ruas ou em suas próprias casas.

Conforme aponta Abramovay (2002),

“a vulnerabilidade associada com a desigualdade social e a segregação juvenil são percebidas como produto de sistemas sociais, relacionadas a desigualdades, ausência de oportunidades de lazer, formação ética e cultural em valores de solidariedade e de cultura de paz e de distanciamento dos modelos que vinculam esforços a êxitos” (p.49).

Em relação à abrangência da vulnerabilidade social, de modo geral, pode-se considerar que a exclusão social geralmente alcança maior relevo junto às populações mais pobres. Na visão de Castel (2005b), “os excluídos povoam a zona mais periférica dos centros urbanos, caracterizada pela falta de oportunidades de trabalho, pela falta de políticas públicas e pelo isolamento social” (p.55). Dessa maneira, uma sociedade movida por grandes desigualdades econômicas, intelectuais, de assistência na saúde, de falta de opções de lazer, etc. alimenta ainda mais a exclusão social.

Para Tosin (1996), a perda do vínculo familiar também é causadora da situação de risco em que atualmente se encontram crianças e adolescentes no Brasil. Tanto a Constituição Federal quando o Estatuto da Criança e do Adolescente estabelecem o direito ao convívio familiar, pois a família é considerada o local adequado para o desenvolvimento e a convivência das crianças. Assim, “o vínculo afetivo que os une é fundamental para a construção de sua integridade física, psicológica e moral. As ameaças à convivência familiar e comunitária podem colocá-las numa situação de risco” (p. 19).

A sociedade de modo geral tem relacionado a pobreza ou desemprego à marginalidade e violência, criando assim situações de discriminação e exclusão. Inclui-se nessa questão também outras formas de discriminação, como: gênero, etnia, religião, ou ainda, a não aceitação de valores diferenciados, idéias e modos de vida.

Conforme aponta Santos (1999)

“a violência tem relação íntima com a pobreza sendo uma consequência da exclusão social, agindo em dois níveis: um macro, que restringe o acesso da população às conquistas da civilização e um micro, ao nível da comunidade e da família que podem privar suas crianças e adolescentes de uma identidade em torno de propostas produtivas e cooperativas” (p. 53).

Ainda, Ximenes (2001) relata que “a violência não acontece em uma única via, do delinqüente para com a sociedade e sim em mão dupla”, pois os cidadãos sofrem diversos tipos de violência, como por exemplo, as posturas autoritárias e preconceituosas de muitos profissionais da educação.

Entretanto, Zaluar (1994) também entende que “a violência não pode ser enfrentada apenas com políticas públicas de combate à pobreza”, mas também com “medidas de combate ao etos guerreiro [...] e com a interiorização de novos valores e regras de convivência que levem em conta a complexidade da questão”. Nesse contexto, conclui-se que a prática esportiva deve atuar de maneira libertadora, construindo novos valores e não apenas pretendendo combater a pobreza.

Assim, pode-se infelizmente afirmar que a falta de acesso a políticas públicas de inclusão social priva crianças e jovens de oportunidades que poderiam proporcioná-las desenvolvimento e prosperidade, ampliando dessa forma as disparidades sociais, econômicas e de gênero; deixando as crianças vulneráveis à exploração, à violência e à discriminação. Sobre isso Cruanhes (2000) declara também que “a pobreza e a exclusão social não se reduzem às privações materiais, mas também alcançam o plano físico, intelectual, espiritual, moral e político dos indivíduos submetidos aos problemas da sobrevivência”.

Nesse contexto, a falta de opções, seja de natureza social ou educativa, também é fator desencadeador para que os jovens fiquem vulneráveis, sem perspectivas e sem opções. Com a escassez de opções eles tendem a se apropriar de um “lazer” no qual o uso de álcool e o fumo são incentivados, facilitando, muitas vezes, a inserção no mundo das drogas ilícitas e do crime.

Segundo Stigger (2002), baseadas nessa perspectiva de enfrentamento da exclusão social, “muitas instituições públicas e privadas, vêem como uma das possibilidades de inclusão social, cidadania e resgate da auto-estima de crianças e jovens uma formação integral através do esporte”, sendo que este tem a propriedade de mobilizar indivíduos de todos os lugares, extratos sociais, sexos, idades e posições ideológicas, sem deixar de destacar a sua importância como lazer e fator motivador extremamente positivo.

Portanto, quando se fala em um efetivo enfrentamento da exclusão social deve-se atentar principalmente para o combate à marginalização de crianças e jovens, geralmente habitantes das periferias de grandes centros urbanos cuja vida geralmente é marcada por iniciativas fracassadas e repleta de privações, deixando-os sem perspectivas, o que pode acabar lançando-os ao caminho da delinquência.

Praticar esporte, jogar, brincar, divertir-se, etc. fazem parte do “ser jovem” e contribuem para a formação desses adolescentes. Assim, esse uso corporal torna-se uma dimensão cultural, com potencialidade de contraponto a violências.

## 2.2 PROJETOS SOCIAIS

É possível identificar na sociedade brasileira a existência de projetos sociais, que tem o esporte como estratégia de intervenção, já no final da década de 1920 e início da década de 1930 (MELO, 2008).

Porém, somente a partir da década de 1970 aconteceu uma maior preocupação com a temática, através das campanhas “Mexa-se” e “Esporte para Todos” desencadeadas pelo regime de exceção vigente durante os anos de 1964 e 1985. Conforme apontando Zaluar (1994), já na década seguinte, os projetos esportivos passaram fazer parte da agenda social e acadêmica brasileira.

Nos anos 90, com as novas visões políticas e ideológicas do Governo, sob o regime democrático e neoliberal, as parcerias com o setor privado tornaram-se a maneira mais eficaz de execução desses projetos. É nesse contexto que os projetos sociais se alinham com um “padrão emergente da ação social” (MONTAÑO, 2002).

A partir disso se estabeleceu uma combinação entre a forma de implantação dessa política pública com o discurso de que o esporte ocupa um lugar redentor, de transformação social. Podemos dizer que tal discurso pode atender um duplo objetivo: legitimar socialmente o esporte oficial e as demandas de sua lógica institucionalizada; e identificar e propor soluções para problemas sociais diversos, mesmo que as causas desses problemas sequer estejam ligadas à prática de atividades esportivas (BRACHT, 1992; OLIVEIRA, 2001).

Atualmente é evidente um significativo crescimento dos projetos sociais em todo o território nacional, tendo em sua grande maioria o desenvolvimento de práticas esportivas como maneira de intervenção social. Neles impera o discurso de transformação e inclusão social através do esporte.

Também é flagrante em discursos políticos, reportagens ou em pesquisas acadêmicas, a associação direta entre o envolvimento das pessoas de baixa renda (principalmente de crianças e adolescentes) em atividades esportivas com a prevenção da violência, ocupação saudável do tempo, como promoção da saúde, como alternativa ao mundo das drogas entre outros benefícios sociais.

Patrocinados por instituições governamentais, empresas privadas, organizações não-governamentais ou organizações da sociedade civil alguns projetos sociais têm longa trajetória enquanto outros surgem e desaparecem em poucos meses.

Gonçalves (2003) resume com bastante clareza a forma de legitimação dos investimentos que envolvem projetos sociais:

“Afastar os meninos do mundo do crime, tirá-los da rua, livrá-los da violência – estas têm sido as justificativas usadas pelos projetos sociais voltados para os jovens das comunidades pobres. Todos pretendem ocupá-los com atividades educativas, esportivas, culturais e de formação para o trabalho. Acreditam que o espaço deixado pela carência de atividades possa ser ocupado pelo crime ou pelo ócio. São várias as entidades espalhadas pelo país cuja intenção é tirar moças e rapazes de situação de risco.” (p. 172).

Afastar as crianças do mundo do crime, tirá-las da rua e da violência tem sido as justificativas mais usadas pelos projetos sociais voltados para as crianças e jovens das comunidades pobres. Todos pretendem ocupá-los com atividades educativas, culturais, de formação e, na maioria das vezes, esportivas (GONÇALVES, 2003; SOUZA *et. al.*2010).

### 2.3 O ESPORTE E O ESPORTE SOCIAL

Quando se aborda o tema esporte conceitualmente, torna-se claro que o esporte é apresentado como um fenômeno social, que exerce influência em todos os setores da humanidade. Na busca por conceitos que definam melhor as diferentes práticas do esporte, alguns autores classificaram o fenômeno separando-o por características específicas.

Como demonstra Elias (1992), os esportes são formas regulamentadas e institucionalizadas de práticas corporais, algumas de há muito existentes, e que, no século XIX, encontraram nas escolas inglesas seu espaço de eleição, erigindo-se, desde então, como uma das mais eficazes práticas pedagógicas disciplinadoras.

Também conforme discute Pereira (1988, p. 211), “o esporte é uma prática universal, que se pode considerar como um dos fenômenos mais representativos do século XX. De certa forma, por quase todo o planeta, encontra-se a prática desportiva, suas relações sócio-culturais e afins”.

De acordo com esse autor, o esporte é um elemento cultural que se diferencia dos demais, devido a sua enorme abrangência e dependências. Assim, o esporte pode ser entendido como “um componente da cultura universal que alia a saúde à alegria, que serve tanto à educação como ao lazer. Sua prática tem tal apelo que cria um verdadeiro espírito esportivo” (PEREIRA, 1998, p. 223).

O esporte não deve ser entendido somente como um meio de canalizar energias, de disciplinar o indivíduo superficialmente. Ele pode ser visto como um meio mais amplo, que pode envolver a prática, a criação, o aprender fazendo e o ensinar aprendendo.

O esporte pode educar pelo desenvolvimento das potencialidades criadoras, pelo fazer, e para isso é preciso sensibilizar as pessoas que através do esporte, é possível mostrar novas alternativas para que a juventude encontre novos caminhos para a manifestação do seu ser.

Um dos primeiros autores a defenderem o esporte como via de formação social foi Dumazedier (1980), que já na década de 80 abordava a questão da seguinte maneira:

“Acreditamos, no entanto, na possibilidade de uma formação social pelo esporte. Trata-se de descobrir o caminho que permite chegar até lá: de reencontrar no fato desportivo, quotidianamente realizado, os elementos culturais que franqueiam o acesso a uma formação social autêntica” (p. 394).

Melo (2005) entende que “o esporte, dentro da nossa sociedade, tem se caracterizado como o ‘salvador’ dos jovens, das periferias e favelas, das drogas e da violência”. Sendo o esporte abordado de maneira a ocupar o tempo livre desses jovens e adolescente a possibilidade deles se envolverem com o mundo do crime seria pequena, pois enquanto praticam atividades esportivas valores são inseridos em seu no cotidiano.

Bracht (2005) divide o esporte em duas categorias: esporte de alto rendimento ou espetáculo e esporte enquanto atividade de lazer. No primeiro caso, o objetivo é a profissionalização, estando diretamente ligado à vitória ou derrota. Em contrapartida, no esporte como atividade de lazer o objetivo é a prática como meio de socialização e promoção da saúde, nos momentos de não-trabalho.

Tubino (2001) inclui mais uma categoria, dividindo o fenômeno em três dimensões: esporte-educação, esporte-participação e esporte-espetáculo. O esporte-educação deve vincular-se obrigatoriamente a três áreas de atuação pedagógica: a integração social - garantindo a participação de todos - o desenvolvimento psicomotor - atendendo às necessidades motoras e de auto-avaliação e oferecendo atividades educativas concretizando as aptidões em capacidades. O esporte-participação tem caráter comunitário e democrático, buscando a participação de todos e relacionado ao tempo livre e ao lazer. Enquanto



que o esporte-espetáculo ou performance se caracteriza pela atuação dos talentos, ditados pela linguagem mercadológica.

É comum nas propostas de projetos sociais ligados à prática esportiva o discurso do esporte educação. Esses projetos pretendem, de maneira geral, desenvolver através do esporte aspectos que contribuirão para uma formação cidadã. Entretanto, grande parte dos projetos sociais esportivos o discurso do esporte participação é o mais presente, utilizado como ferramenta para atrair as crianças e jovens para a prática esportiva.

Para Stigger (2002), “se o esporte-participação for colocado em prática a partir do princípio do prazer lúdico ele terá relações íntimas com o lazer e o tempo livre”. Assim, essa manifestação, que pode ocorrer em espaços não comprometidos com o tempo e fora das obrigações da vida diária - de modo geral, comprometido com a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e as relações de convivência entre as pessoas - oferece, ainda, oportunidades de liberdade a cada praticante, que tem participação voluntária. O autor, em sua obra “Esporte, Lazer e Estilos de Vida”, ao referir que o esporte é de grande relevância na sociedade contemporânea, afirma que esta prática social está inserida em:

[...] “várias instâncias da vida moderna, e a sua capacidade de trazer, em torno de si, um universo de significações capazes de mobilizar indivíduos de todos os lugares, extratos sociais, sexos, idades e posições ideológicas. Tal é sua importância enquanto fenômeno social e cultural hoje praticado em todo o mundo” [...] (p. 2).

Segundo Weinberg e Gould (2001), “jovens e adolescentes apreciam o esporte devido às oportunidades que o ele proporciona de estar com os amigos e fazer novas amizades”. Para Tubino (2005), “não há menor dúvida de que as atividades físicas e principalmente esportivas constituem-se num dos melhores meios de convivência humana”.

A amizade, a sociabilidade e a competência constituem normas que regulam a aceitação social e, constituem fatores para o desenvolvimento de competências fundamentais para que o adolescente e o jovem possam ser oportunizados a uma boa adaptação à vida adulta.

Assim sendo, a convivência durante a prática de atividades esportivas contribui para a inserção do jovem no seu contexto social e incentiva que se estabeleçam vínculos que poderão influenciar na sua formação. Ainda, cria condições sociais que ofereçam oportunidades para determinadas práticas de cidadania; e tais práticas permitem que o jovem aprecie a convivência como valiosa na sua formação.

Ainda, para Farinatti (1995), “é por meio dessa convivência que as muitas oportunidades de contato social são proporcionadas aos adolescentes e contribuem para o seu desenvolvimento moral”. Portanto, estar com amigos, fazer parte de um grupo ou fazer novas amizades, tem um papel importante no desenvolvimento, tanto psicológico quanto moral e ético de crianças e jovens.

Assim, o esporte e o lazer acabam sendo incorporados como instrumentos ideais para atender às mazelas sociais. A visão da sociedade em relação à Educação Física como promotora da saúde, do esporte como moralizador e disciplinador e do lazer como forma de entretenimento contribui para que surjam também alguns projetos equivocadamente planejados e avaliados, do ponto de vista do impacto sobre os problemas sociais que se propõem a resolver.

Para Hassenpflug (2004) o esporte é

“mais do que uma ferramenta, é um método privilegiado que contribui de forma significativa para a educação integral das novas gerações, preparando-as para enfrentar com competência os desafios presentes em sua vida pessoal, social e profissional” (p. 13)

Para Cotta (1992, citado por MOREIRA e SIMBES, 1995, p. 243), o esporte é um meio de socialização, ao mesmo tempo em que favorece o desenvolvimento da consciência comunitária e produz prazer, podendo nesse caso desempenhar um papel de compensação contra o estresse causado pelo trabalho.

Os argumentos a este respeito identificam que existe um potencial para, através do esporte, serem propiciadas vivências e o desenvolvimento de valores positivos entre crianças e jovens. Acredita-se que tais valores contribuiriam para

socializar os jovens, fortalecendo-os como indivíduos para enfrentar suas condições de vida.

Considerando-se os supostos valores do esporte surge o conceito de “esporte social”. Este termo tem sido usado para indicar ações sociais privadas, ou mesmo políticas públicas, por meio das quais jovens e crianças pobres poderiam praticar esporte graças às ações “caridosas” e filantrópicas do capital (MELO, 2007).

O termo esporte social tem sido assumido por vários órgãos públicos para indicar essa suposta nova forma de se vivenciar o esporte. Associando a prática esportiva com o lazer, “o esporte social seria voltado à inclusão social” (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2004; 2003).

O esporte, entendido como um fenômeno social é dinâmico e multifacetado. Merece ser problematizado, vivido, questionado, refletido, sentido e projetado, articulado a diferentes áreas do conhecimento a fim de potencializar ações educativas mais abrangentes e profundas.

Podemos tomar como exemplo dessa expectativa a posição que a antropóloga Alba Zaluar, em seu trabalho *Cidadãos não vão ao paraíso* (1994), realizado com base nas pesquisas de alguns projetos sociais. Nesta obra, a autora afirmava que o esporte, através do lúdico, proporciona imensas e profundas possibilidades de socialização em quaisquer sociedades. Ela constata também que, nos projetos em questão, a ênfase era dada na “sociabilidade dos que procuravam voluntariamente o aprendizado do esporte, desenvolvido através do *lúdico*” (p.76). Registrando a heterogeneidade de significados entre os praticantes de esportes, esta autora indica ainda que a vivência de regras universais, sem privilégio pelo poder aquisitivo, constitui-se numa particularidade democrática na qual os jovens da periferia viam-se estimulados e reconhecidos por seus méritos. Zaluar refere à formação do caráter e da identidade social como potencialidades da vivência esportiva. Assim, a prática esportiva

“pode ser uma das bases que levam os jovens a adquirir uma identidade positiva, fundada na autoconfiança e na auto-estima, pilares de qualquer sociedade (...) Sem isso, a revolta explode na

violência descontrolada e na agressividade sem sentido. De rebeldes sem causa e auto-imoladores juvenis, as favelas e os bairros pobres já tiveram a sua dose nos últimos anos” (p. 86)

Nessa visão, o esporte tem o seu valor social ressaltado na participação, fortalecendo os grupos e as comunidades, tornando-os ativos e com mais possibilidades de percepção do conceito de obrigação social, desta forma, tornam-se agentes do seu próprio destino

## 2.4 PROJETOS SÓCIO ESPORTIVOS

Os projetos sociais que enfatizados no esporte buscam, em sua maioria, desenvolver as competências físicas, emocionais, intelectuais e sociais de seus participantes. Normalmente, o esporte é tratado de maneira ampla, considerando-se que, para a plena formação dos sujeitos, deve integrá-lo com outras áreas do conhecimento humano, de forma interdisciplinar. O esporte pode ensinar valores socialmente aceitos e que determinados modelos e padrões são socialmente construídos, e, portanto, transformáveis. Ou seja, pelo esporte pode-se conscientizar os sujeitos de que a realidade na qual estão inseridos pode ser modificada (GONÇALVES, 2003).

O crescente número de projetos sociais esportivos destinados a jovens e adolescentes das classes populares, financiados por instituições públicas ou pelo terceiro setor acaba por reconhecer o esporte como meio de socialização positiva ou inclusão social.

Nos projetos sociais protagonizados por essas instituições busca-se, através da abrangência do esporte, que os participantes possam desenvolver suas competências físicas, emocionais, intelectuais e sociais. Assim, o esporte é tratado numa pluralidade de sentidos, considerando que para a plena formação desses sujeitos torna-se fundamental também a parceria de outras áreas do conhecimento humano, as quais irão atuar de forma interdisciplinar com o esporte buscando influenciar positivamente na formação integral dos cidadãos.

O esporte é entendido como um dos fatores de inclusão social, pois é um poderoso mecanismo de integração entre crianças e adolescentes. A prática de jogos e esportes não é deve ser baseada na mera reprodução de movimentos e sim na capacidade de se envolver no jogo, e ao se tratar de jogo deve-se lembrar que a aceitação das diferenças e das diferentes possibilidades de resposta dentro de jogos e esportes pode ajudar na inclusão de personagens em nosso país esportivo (ESPORTE E SOCIEDADE, 2004).

Sobre isso, Stigger (2002) defende que “as atividades esportivas no lazer vinculam-se não ao relaxamento, no sentido de descanso, mas à busca de um tipo de tensão que difere daquela que é proporcionada por atividades como o trabalho, ou seja, uma tensão agradável”. A prática do esporte vinculada como uma opção ao lazer amplia os vínculos sociais. Por não serem tediosas, essas atividades esportivas oferecem a possibilidade de divertimento e entretenimento, valorizando o lazer. Assim, a atividade esportiva no lazer torna-se uma oportunidade de desenvolvimento social e pessoal, sendo para seus adeptos uma forma de enfrentar a realidade positivamente.

Como justificativa da utilização do esporte nos programas que se propõe a garantir os direitos da infância e da adolescência está a sua força no processo de sociabilização. Atribui-se ao esporte mecanismos que possibilitam às crianças várias experiências pelas quais elas podem interiorizar valores que poderiam ser classificados como aspectos positivos.

De acordo com Boff (2000), “a idealização e realização de projetos sociais esportivos e de lazer devem assumir o caráter de emancipação através da prática esportiva”, porém buscando dar aos sujeitos conhecimentos e condições para o exercício de uma cidadania maior e plena.

Para Tavares (2006), “essa instrumentalização da Educação Física, do esporte e do lazer tem conduzido muitos projetos dotados de boas intenções a não se efetivarem como elementos de mudança da realidade local das comunidades ou de transformação social mais ampla”.

Por fim, deve-se também considerar que apenas os valores educacionais e sociais atribuídos ao esporte e ao lazer não podem ser referência para o

desenvolvimento dos projetos sociais nessa área. É preciso também planejamento estratégico e acompanhamento pedagógico nas atividades propostas, de modo a avaliar a eficácia de cada ação periodicamente.

### **3 A SECRETARIA ANTIDROGAS MUNICIPAL E O PROJETO BOLA CHEIA**

#### **3.1 A SECRETARIA ANTIDROGAS MUNICIPAL**

Criada no dia 4 de abril de 2008, através da Lei Municipal nº 12.667, a Secretaria Antidrogas Municipal tem como missão “desenvolver ações da Prefeitura de Curitiba e de instituições da sociedade civil nas temáticas de prevenção ao uso indevido de drogas” (SECRETARIA ANTIDROGAS MUNICIPAL, 2010).

De acordo com o Artigo 1º da Lei 12.667 (2008) são atribuições da Secretaria Antidrogas Municipal:

I - gerenciar, em parceria com a Secretaria Municipal da Defesa Social, o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania - PRONASCI, do Ministério da Justiça, na elaboração e execução de projetos voltados ao combate da criminalidade;

II - realizar parceria com os demais órgãos da administração municipal para execução de projetos direcionados à prevenção ao uso indevido de drogas, especialmente nas escolas, entidades comunitárias e áreas públicas;

III - propor sistema de inteligência para cooperar e colaborar com os órgãos públicos responsáveis pela repressão ao tráfico de drogas, através do encaminhamento de informações;

IV - articular com demais órgãos da administração municipal a realização de projetos sociais de prevenção ao uso indevido de drogas, principalmente no âmbito do esporte, cultura e lazer, em horários críticos e áreas sob a influência do tráfico de drogas;

V - prestar apoio técnico e administrativo ao Conselho Municipal de Políticas sobre Drogas de Curitiba - COMPED;

VI - realizar a gestão dos recursos e a ordenação das despesas do Fundo Municipal de Prevenção às Drogas.” (CURITIBA, Lei 12.667, de 04 de Abril de 2008).

Ainda, cabe à Secretaria Antidrogas Municipal

“dar suporte a projetos de atenção e reinserção de usuários e dependentes de drogas e auxilia a formação de uma rede de colaboração social em busca da redução de tráfico de entorpecentes e dos índices de criminalidade, contribuindo para o fortalecimento da cidadania e da qualidade de vida na cidade de Curitiba” (SECRETARIA ANTIDROGAS MUNICIPAL, 2010).

Para efetivar sua missão, a Secretaria formou parcerias foram realizadas de obter representatividade junto à sociedade e, não menos importante, verbas fossem destinadas para financiar os projetos idealizados pela secretaria.

Os principais parceiros da pasta municipal são o COMPED (Conselho Municipal de Políticas sobre Drogas), “formado por representantes das secretarias municipais de Saúde, Esporte e Lazer, Educação, Defesa Social e Governo, Fundação Cultural, Procuradoria Geral do Município e Fundação de Ação Social. Também participam do COMPED instituições representativas da sociedade, como Ordem dos Advogados do Brasil, Conselho Tutelar, veículos de comunicação, entidades religiosas, associações de profissionais do Paraná e representantes de entidades terapêuticas com sede em Curitiba” (SECRETARIA ANTIDROGAS MUNICIPAL, 2010); o FUNPRED (Fundo Municipal de Prevenção às Drogas), que tem como objetivo “o gerenciamento de recursos financeiros provenientes de doações, convênios, previsões orçamentárias de recursos públicos municipais, estaduais ou federais” (SECRETARIA ANTIDROGAS MUNICIPAL, 2010); e o PRONASCI (Programa Nacional de Segurança com Cidadania) instituído pelo Ministério da Justiça, que tem como meta “articular políticas de segurança com ações sociais, priorizando a prevenção e buscando atingir as causas da violência” (SECRETARIA ANTIDROGAS MUNICIPAL, 2010).

### 3.2 O PROJETO BOLA CHEIA

O projeto Bola Cheia é o principal projeto desenvolvido pela Secretaria Antidrogas Municipal para a prevenção da violência e drogas.



O projeto, que coloca ênfase na prática esportiva, é desenvolvido para jovens, a partir dos 12 anos de idade, moradores de áreas com altos índices de violência. A principal diferenciação em relação aos outros diversos projetos sociais existentes é seu horário de funcionamento: das 21h à 01h, às sextas-feiras e sábados, em escolas ou ginásios municipais. De acordo com a Prefeitura Municipal de Curitiba, com suas atividades iniciadas no dia vinte e quatro de abril de dois mil e oito, o projeto completou dois anos de atividades com mais de quarenta mil atendimentos (CURITIBA, 2010).

A principal modalidade oferecida pelo projeto é o futebol de salão. Entretanto, também são ofertados o voleibol e o basquete. Ainda, há a disponibilização de jogos de mesa, como xadrez, jogo da velha, trilha, dama, ludo e futebol de botão.

O objetivo geral do projeto é

“através de práticas físicas, culturais, lazer e de ações inter-setoriais de políticas públicas, criar condições para despertar nos jovens a importância quanto a valorização de atitudes e comportamentos que busquem a melhoria da qualidade de vida, conseqüentemente elevando a sua auto-estima e o exercício da cidadania plena, não só do jovem, mas também de sua família e de toda a comunidade” (PROJETO BOLA CHEIA, 2010).

Ainda, de acordo com o site oficial do projeto, dentre os objetivos específicos do projeto, estão:

- “- Prevenir, através de práticas esportivas, culturais e de lazer a violência em horários de maior incidência na comunidade local; principalmente envolvendo crianças e adolescentes;
- Desenvolver ações preventivas nas comunidades no combate ao uso indevido de todos os tipos de drogas;
- Desenvolver, junto à população, noções básicas e fundamentos nas diversas atividades físicas;
- Despertar o interesse de jovens para as práticas esportivas, culturais e de lazer;

- Melhorar a participação dos jovens nas atividades escolares e estimular o retorno dos que se afastaram;
- Preparar o jovem e o adolescente para o pleno exercício de solidariedade, consciência social e de cidadania;
- Retirar jovens, em situação de risco, das ruas no dias e horários de picos de crimes na sua comunidade”. (PROJETO BOLA CHEIA, 2010)

A realização das atividades acontece através da união de esforços das secretarias municipais de Esporte e Lazer (SMEL), Antidrogas (SAM), de Educação (SME), Fundação de Ação Social (FAS), de Defesa Social (SMDS), da Companhia de Habitação Popular de Curitiba (COHAB) e de parcerias com a comunidade local.

Atualmente são nove os espaços disponíveis para a realização do projeto na cidade, são eles: Centro de Educação Integral Expedicionário, no bairro Novo Mundo; Escola Municipal Dona Pompília, no bairro Tatuquara; Escola Municipal Anita Merhy Gaertner, no bairro Jardim Gabinete; Escola Municipal Sidônio Muralha, no bairro Cidade Industrial de Curitiba; Centro de Educação Integral Bela Vista do Paraíso, no bairro Santa Cândida; Centro de Educação Integral Carlos Drummond de Andrade, no bairro Sítio Cercado; Centro de Esporte e Lazer Plínio Tourinho, no bairro Jardim Botânico; Centro de Educação Integral Maestro Bento Mossurunga, no bairro Alto Boqueirão; e Centro de Educação Integral Maria Marli Piovezan, no bairro Uberaba.

Durante as noites de atividades, cada local conta com dois orientadores físicos, cedidos pela SMEL, um monitor social (pessoa tida como referência na localidade, indicada pelo coordenador local do projeto para promover as atividades junto à comunidade), dois professores de educação física, cedidos pelo PRONASCI, um monitor social, também cedido pelo PRONASCI e de dois Guardas Municipais, cedidos pela SMDS, responsáveis pela segurança dos participantes e de toda a equipe envolvida.

Os materiais esportivos utilizados nas modalidades, bem como o lanche oferecido aos participantes do projeto, são disponibilizados pela Secretaria Antidrogas Municipal, com verba do PRONASCI.

Por fim, a partir do ano de 2009 - segundo ano do projeto - o horário de funcionamento passou a ser flexível, de acordo com as necessidades específicas de cada local. Fatores como horários com maior índices de criminalidade, número de participantes e fatores climáticos fazem com que o horário seja antecipado ou prolongado, de acordo com a conveniência.

## 4 METODOLOGIA

Este trabalho teve caráter quantitativo-descritivo e foi conduzido através de aplicação de questionário para a coleta de dados (anexo I), elaborado a partir da literatura sobre facilitadores e barreiras para a participação em projetos sociais. O questionário abordou questões sobre o perfil dos participantes e sobre os facilitadores e barreiras para a participação nas atividades. Para a elaboração e adequação das questões foram realizadas observações no funcionamento do projeto e conversas informais com seus idealizadores.

Com o objetivo de aprimorar o instrumento de coleta de dados, para que o questionário focasse especificamente nos objetivos da pesquisa, foi realizado no dia dois de julho de dois mil e dez um teste piloto. Esse teste contou com a participação de nove participantes que se dispuseram a responder o questionário, escolhidos de maneira aleatória, e ajudou a reelaborar algumas questões que estavam até então ambíguas. Por fim, o teste piloto foi necessário para detectar possíveis falhas do instrumento e para familiarização do pesquisador com o instrumento de pesquisa.

A aplicação do questionário aconteceu no dia vinte e sete de agosto de dois mil e dez, na escola Maria Marli Piovezan, no bairro Uberaba, na Cidade de Curitiba. Os questionários foram aplicados em uma sexta-feira, pois, como constatado em observações anteriores, nesses dias o número de participantes é maior, assim sendo, mais dados seriam conseguidos para a pesquisa.

Os questionários foram entregues aos participantes em pranchetas e, com o intuito de resguardar seu anonimato, eles os responderam sem o auxílio do pesquisador.

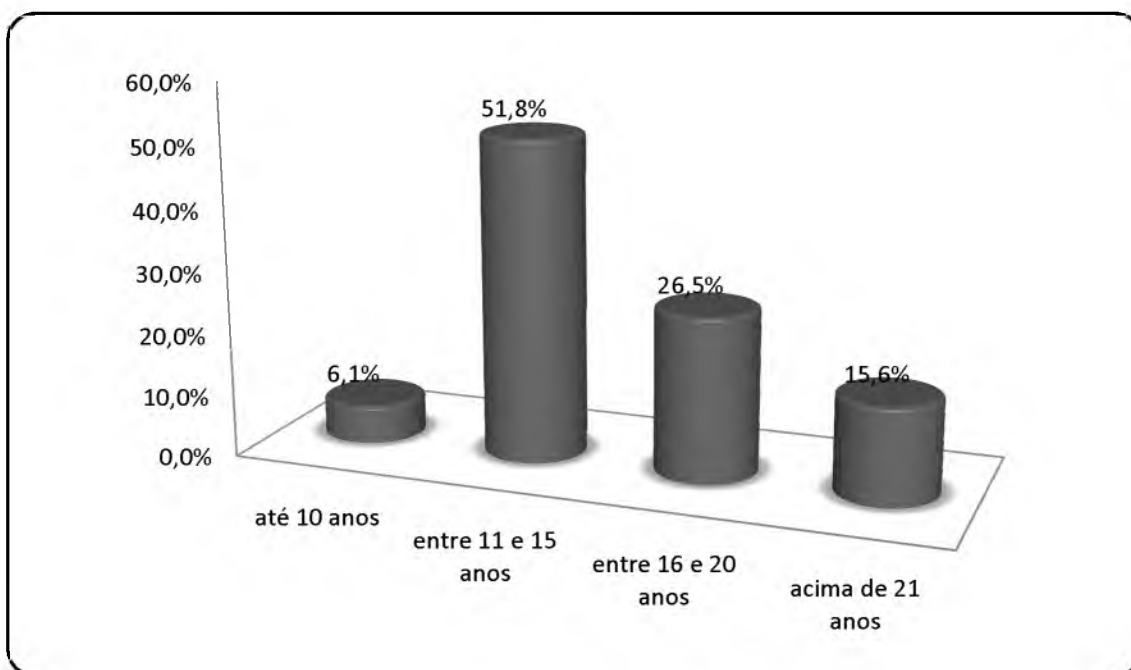
A população estudada é formada por cidadãos de baixa renda residentes no bairro Uberaba, em Curitiba. No total responderam o questionário oitenta e três participantes do projeto que se dispuseram a participar do estudo.

Os dados obtidos foram tabulados em forma de gráficos percentuais realizados com a utilização do software Microsoft Excel 2007.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente apresentarei, na forma de gráficos, dados sobre o perfil dos participantes. A seguir serão apresentados os principais facilitadores e barreiras para adesão e permanência no Projeto Bola Cheia.

GRÁFICO 1 - IDADE



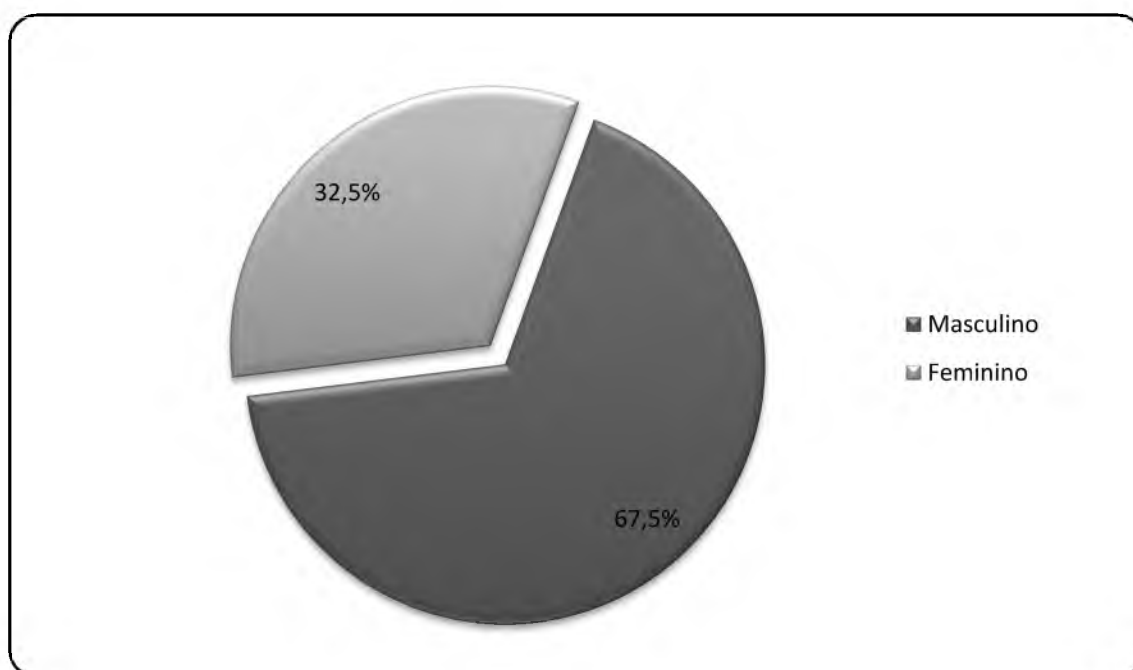
Nesse gráfico pode-se constatar que a maioria dos participantes (51,8%) tem idade que varia entre onze e quinze anos de idade, seguido de jovens com idade entre dezesseis e vinte anos (26,5%) e de jovens com idade superior a vinte e um anos (15,6%). Crianças com idade inferior a dez anos totalizaram apenas 6,1% da amostra (cinco indivíduos).

Como visto anteriormente, o projeto destina-se prioritariamente a adolescentes e jovens com idade igual ou superior a doze anos. Entretanto, no dia da coleta de dados estavam no projeto cinco crianças com idade inferior à mínima estabelecida.

Em observações anteriores à pesquisa, o percentual de crianças com idade inferior ao estabelecido nas diretrizes do projeto era maior, porém começou-se a fazer uma triagem dos participantes nessa faixa etária ao chegarem à escola. A criança em questão que não estiver acompanhada por seus responsáveis ou pela monitora social Edna (líder comunitária e entusiasta do projeto) não pode permanecer na escola. Isso acontece devido à Vara da Infância e da Adolescência não permitir que crianças menores de doze anos permaneçam desacompanhadas de seus responsáveis em locais públicos após as vinte e duas horas.

Por fim, a grande maioria dos participantes se enquadra no perfil planejado nas diretrizes do projeto, entre onze e vinte anos de idade, e somam 78,3% da amostra (65 participantes).

GRÁFICO 2 - GÊNERO

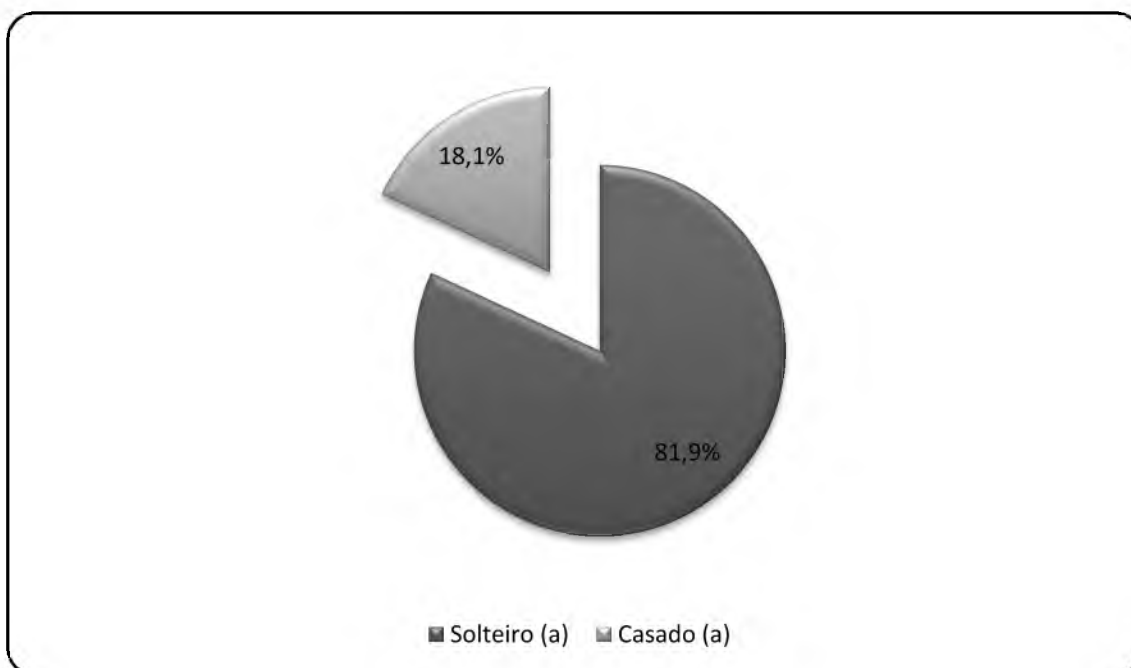


Aqui, pode-se perceber que a maior parte dos frequentadores do projeto é de homens. Na coleta, cinquenta e seis entrevistados (67,5%) declararam ser do sexo masculino enquanto que vinte e sete respostas foram do sexo feminino (32,5%).

Nesse momento cabe ressaltar que, a princípio, o projeto foi idealizado para promover a prática do Futebol de Salão. Inicialmente as outras atividades hoje ofertadas não existiam ou eram pouco divulgadas em *banners* e outros meios de divulgação do projeto.

Esse fato provavelmente encontra explicação no fato de que “culturalmente o futebol é um esporte predominantemente masculino” (FRANZINI, 2005).

GRÁFICO 3 - ESTADO CIVIL



O gráfico três demonstra que a maior parte dos indivíduos entrevistados é de solteiros: 81,9% da amostra (sessenta e oito entrevistados). Apenas quinze indivíduos (18,1%) se declararam casados.

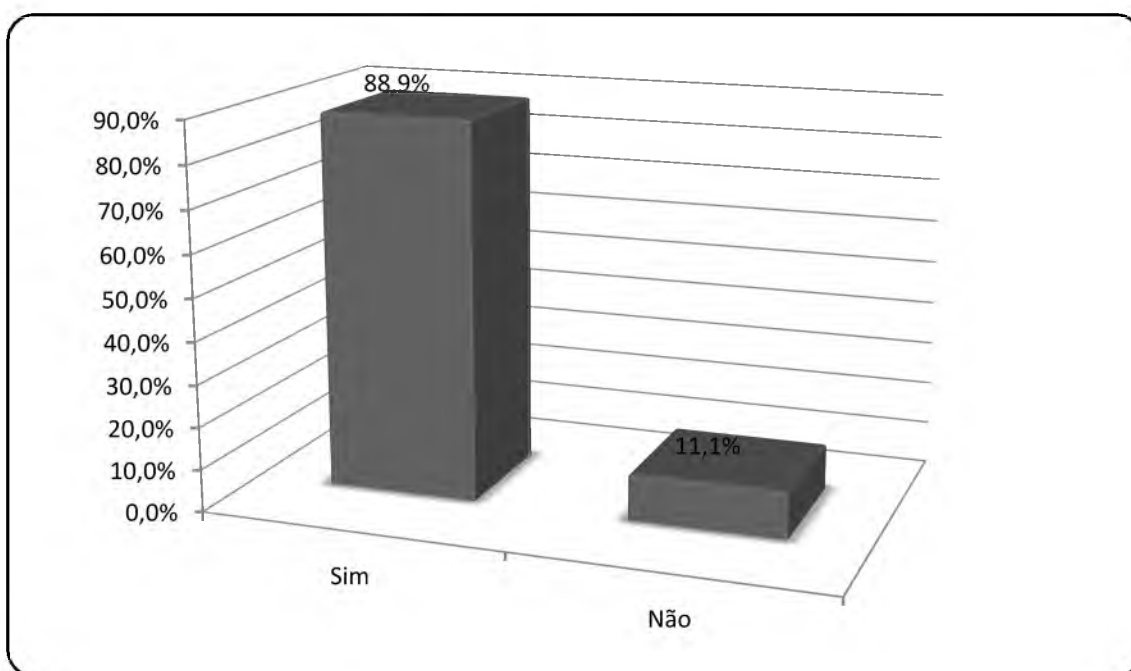
De acordo com dados do IBGE (2007), “a idade média para casamentos legais no Brasil é aos vinte e seis anos para as mulheres e vinte e nove anos para os homens”.

Levando-se em consideração as diretrizes do projeto Bola Cheia, nas quais os jovens são o público alvo, o baixo número de participantes casados constatado

na coleta de dados corrobora também com os dados obtidos na pesquisa “Estatísticas do Registro Civil 2007”, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

O fato de haver um pequeno percentual de casados no projeto se explica considerando-se que, de acordo com minhas observações, é comum algumas famílias freqüentarem as atividades. Alguns casais levam seus filhos para o projeto e acabam participando também de algumas atividades propostas. Essas famílias, no entanto, não permanecem até o final das atividades. Elas normalmente chegam bem no início das atividades e geralmente não passam da meia noite no local.

GRÁFICO 4 - SEM FILHOS



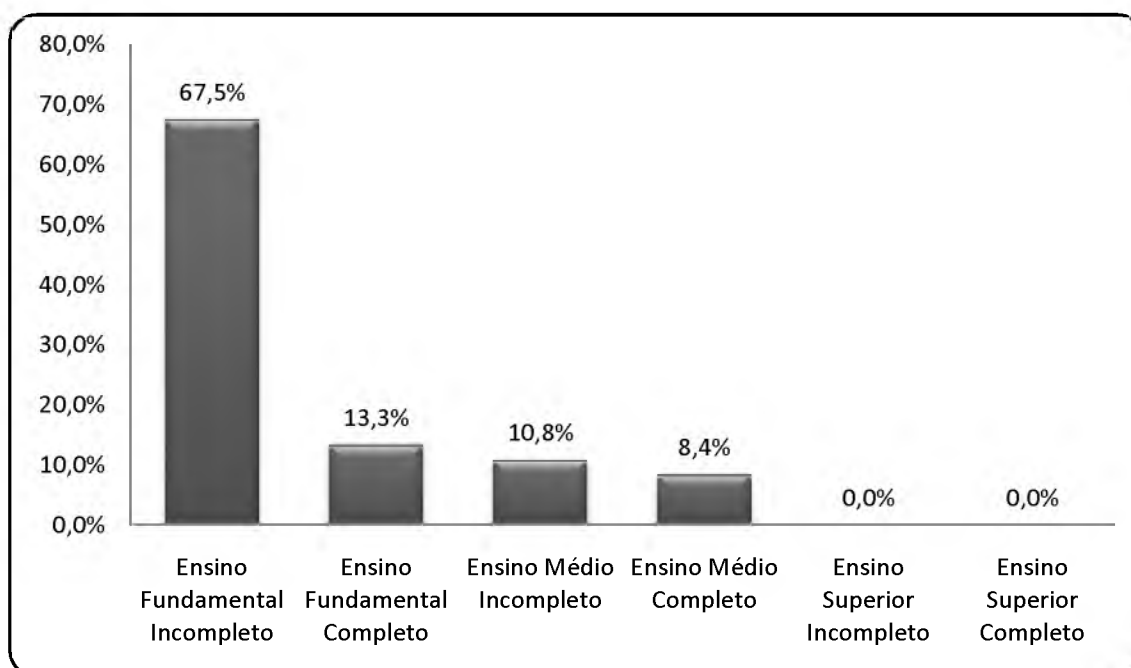
Como pode se constatar no gráfico quatro, apenas 11,1% da amostra declararam ter filhos (totalizando dez participantes). Em contrapartida, setenta e três indivíduos (88,9%) declararam não ter filhos.

No grupo dos que possuem filhos, o número variou entre um filho e, no máximo, três filhos. Os indivíduos desse grupo se encaixam no perfil de pais que levam seus filhos ao projeto.



O fato de haver famílias inteiras participando do projeto me leva a conjecturar sobre alguns pontos: os pais podem estar lá com seus filhos para protegê-los da violência, para vigiá-los devido ao horário diferenciado em que seus filhos estão fora de seus lares ou, ainda, é aquele o único momento em que eles podem viver momentos de lazer com suas famílias.

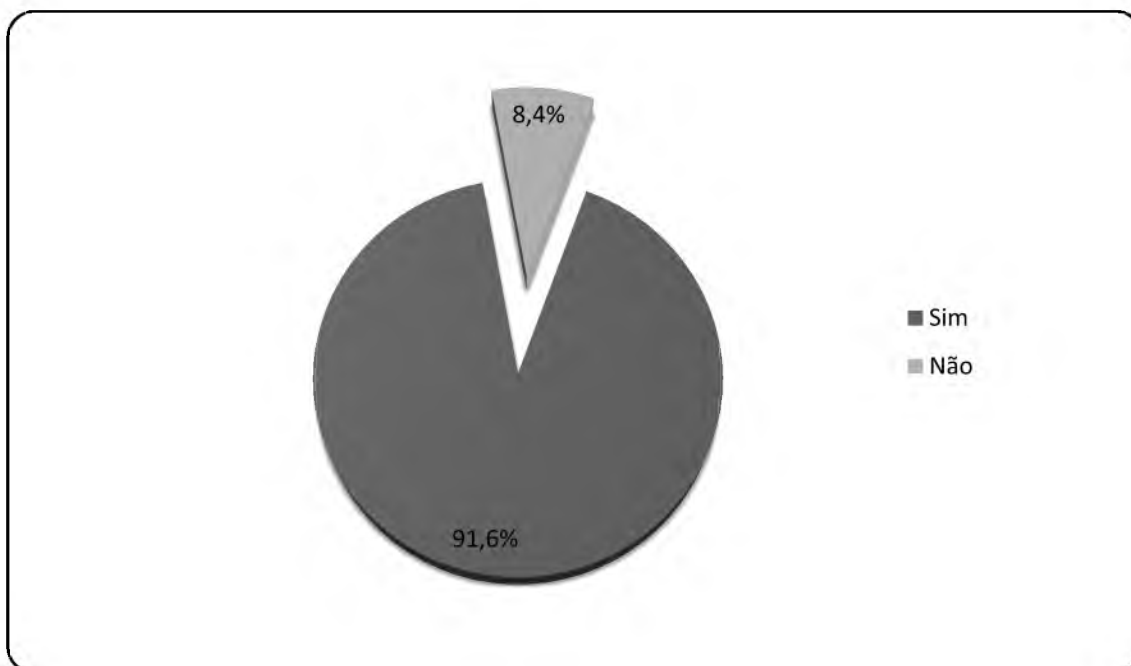
GRÁFICO 5 - ESCOLARIDADE



O gráfico objetivou retratar a realidade acadêmica dos participantes do projeto. As alternativas “Ensino superior completo” e “Ensino superior incompleto” não tiveram respostas, ou seja, da totalidade da amostra nenhum participante encontra-se, no mínimo, cursando o ensino superior.

O grau máximo de escolaridade encontrado foi de indivíduos com o ensino médio completo (8,4%), seguidos por indivíduos que estão cursando o ensino médio (10,8%), por indivíduos com o ensino fundamental completo (13,3%) e pela maioria dos entrevistados, que possuem apenas o ensino fundamental incompleto (67,5%).

GRÁFICO 6 - ESTUDA ATUALMENTE?



Nesse gráfico pode-se constatar que, apesar da baixa escolaridade retratada no gráfico anterior, a imensa maioria dos entrevistados encontra-se regularmente matriculada no sistema educacional. Apenas sete indivíduos (8,4%) declararam não estar estudando, enquanto que 91,6% declararam que estudam.

Para explicar esse quadro é preciso ressaltar que a maioria dos entrevistados é de menores de dezoito anos e que existem legislações específicas para que eles se mantenham matriculados no ensino regular.

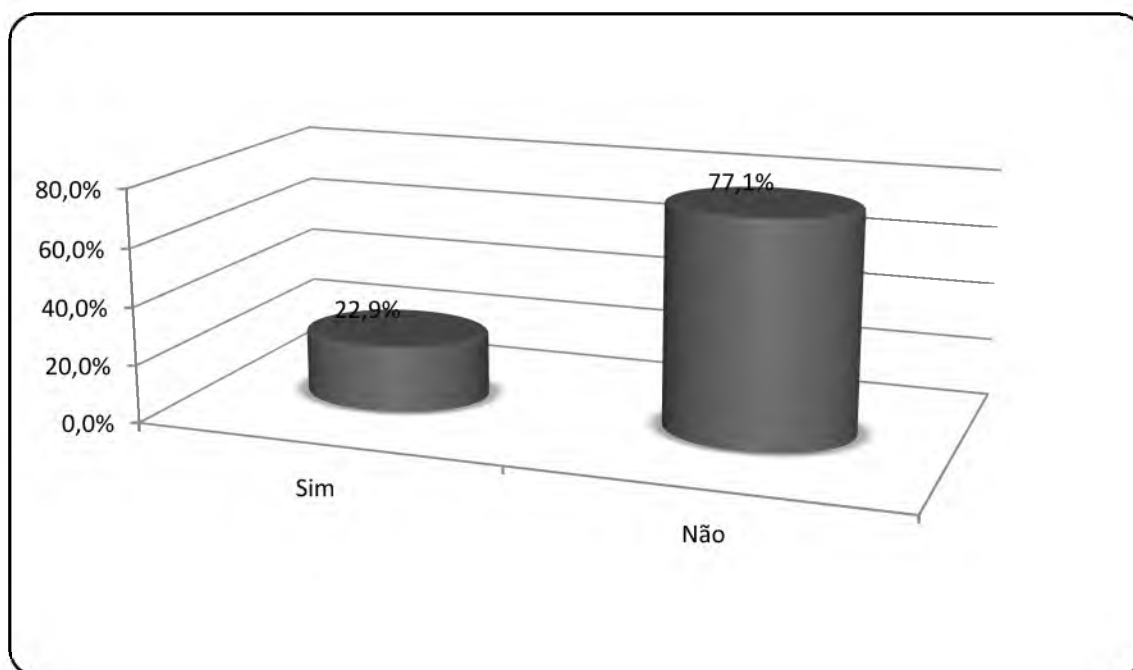
Instituições como o Conselho Tutelar estão diretamente ligadas às escolas e acompanham diretamente o número de crianças que estão fora das salas de aula. Caso essas crianças não estejam freqüentando o ensino formal seus pais podem ser penalizados criminalmente e, por isso, há a disparidade entre grau de escolaridade e número de matrículas.

Outro fator que deve ser ressaltado para explicar essa disparidade na relação entre escolaridade e número de matrículas são os programas sociais do Governo Federal.

De acordo com dados do Portal Brasil (2010), programas sociais como Bolsa Família, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) e Brasil Alfabetizado exigem que crianças estejam regularmente matriculadas no ensino formal em troca de benefícios financeiros, porém, em geral, não exigem aprovação em suas séries, apenas frequência.

É preciso repensar se o fato de se estar regularmente matriculado na rede de ensino é sinônimo de aprendizado. Relacionando os dados aqui obtidos com os dados do Gráfico 5 os resultados demonstram que o grande percentual de alunos que declarou estar estudando não reflete em um nível de escolaridade compatível com suas idades.

GRÁFICO 7 - TRABALHA ATUALMENTE?



Como pode ser observado no gráfico 7, sessenta e quatro entrevistados (77,1%) declararam não trabalhar. Em contrapartida dezenove indivíduos (22,9%) já estão inseridos no mercado de trabalho.

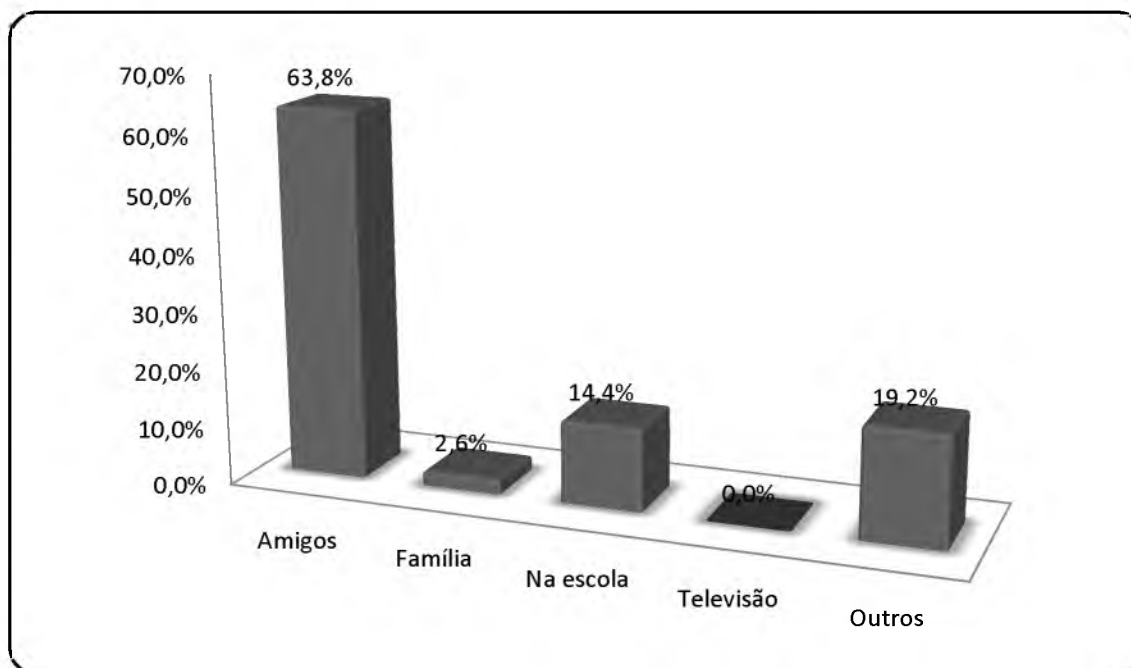
No grupo dos indivíduos que trabalham, as profissões declaradas no questionário são: cortador de grama, serviços de manutenção, pedreiro, balconista, caixa de supermercado e vendedor ambulante.

Esse quadro revela a relação entre nível de escolaridade e mercado de trabalho informal. De acordo com dados do IBGE (2006),

“quanto menor for o período que os indivíduos permanecem nos bancos escolares, maiores são as possibilidades de esses sujeitos estarem inseridos no mercado informal de trabalho, em subempregos ou, ainda, em profissões que ofereçam salários menores”.

No tocante à maioria das respostas, esse quadro reflete (77,1% da amostra) a relação entre idade e mercado de trabalho. Como a maior parte dos freqüentadores do projeto é formada de crianças e adolescentes com idade entre onze e vinte anos e com baixa escolaridade, há uma maior dificuldade em se conseguir empregos formais, restando a esses cidadãos apenas o caminho da informalidade para ingressar no mercado de trabalho. Outro fator que também deve ser destacado nesse momento é que, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) “fica proibido qualquer trabalho e menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz”, o que também pode levá-las ao caminho da informalidade.

GRÁFICO 8 - COMO CONHECEU O PROJETO?



Do total de entrevistados, nenhum indivíduo (0,0%) respondeu ter tomado conhecimento do projeto através da televisão. Por indicação da família apenas três indivíduos (2,6%) responderam ter conhecido o projeto. Ainda, afirmaram ter tomado conhecimento das atividades através da própria escola onde acontece o projeto doze indivíduos (14,4%). O segundo fator mais importante de divulgação das atividades encontrou-se na resposta “outros”, que obteve dezesseis respostas (19,2%). Por fim, para a grande maioria dos indivíduos, cinquenta e dois entrevistados (63,8%), a divulgação do projeto aconteceu através de amigos.

Nesse cenário cabe destacar que o projeto é tido pelos participantes - em sua maioria adolescente e jovem - como um ponto de encontro dos finais de semana. Esse fato explica o resultado do gráfico, pois é comum observar grandes grupos de amigos chegando e saindo do projeto.

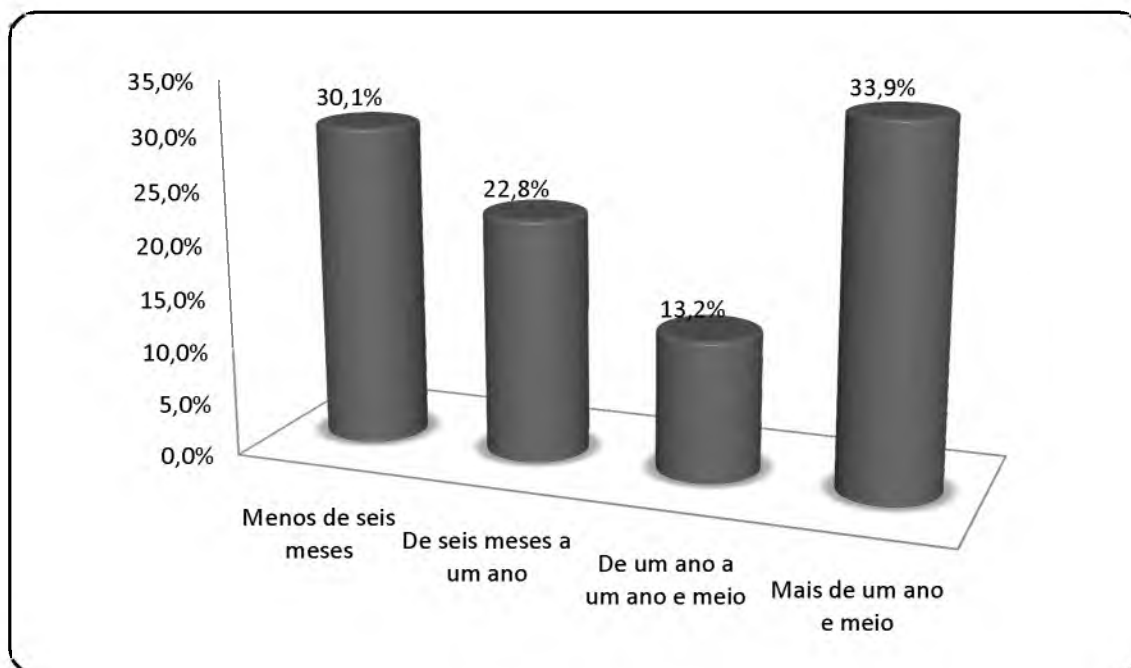
Conforme aponta Souza *et. al.* (2010) a frequência em projetos sociais se dá muito em função de serem os projetos uma importante – quando não a única – opção de lazer para muitas comunidades. No caso do Projeto Bola Cheia, essa realidade parece também proceder para parte de seus participantes.

Outro ponto a ser destacado é a influência da líder comunitária Edna junto à comunidade. No projeto, ela é contratada como monitora social – pessoa responsável em acompanhar os participantes antes, durante e após as atividades do projeto. Ainda, devido à sua influência na comunidade, ela está envolvida também com outros projetos sociais existentes na localidade, que variam desde incentivo a freqüência em cursos Liceu de Ofícios do bairro, passando por ser representante da Associação de moradores e, ainda – mesmo não possuindo formação específica para tal – é treinadora voluntária em uma escolinha de futebol no bairro. Os mesmo meninos e meninas que ela treina durante a semana os acompanham também nas atividades do projeto.

Por isso, o nome dela apareceu nesse gráfico com 19,2% das respostas, ou seja, sua importância como facilitadora na divulgação e incentivo à freqüência no projeto é maior (quantitativamente) do que a influência da comunidade escolar.

Por fim, relacionando-se a alternativa “família” com os resultados obtidos no Gráfico 14 constata-se o baixo estímulo dos pais para que seus filhos freqüentem o projeto (2,6%). Provavelmente tal barreira aconteça devido ao horário diferenciado das atividades, somada a isso a eminente violência existente naquela região. Esses dois fatores fazem com que os pais tenham receio em deixar seus filhos nas atividades até o início da madrugada, haja vista o alto índice de criminalidade e de tráfico de drogas existente aos arredores da escola.

GRÁFICO 9 - HÁ APROXIMADAMENTE QUANTO TEMPO PARTICIPA?



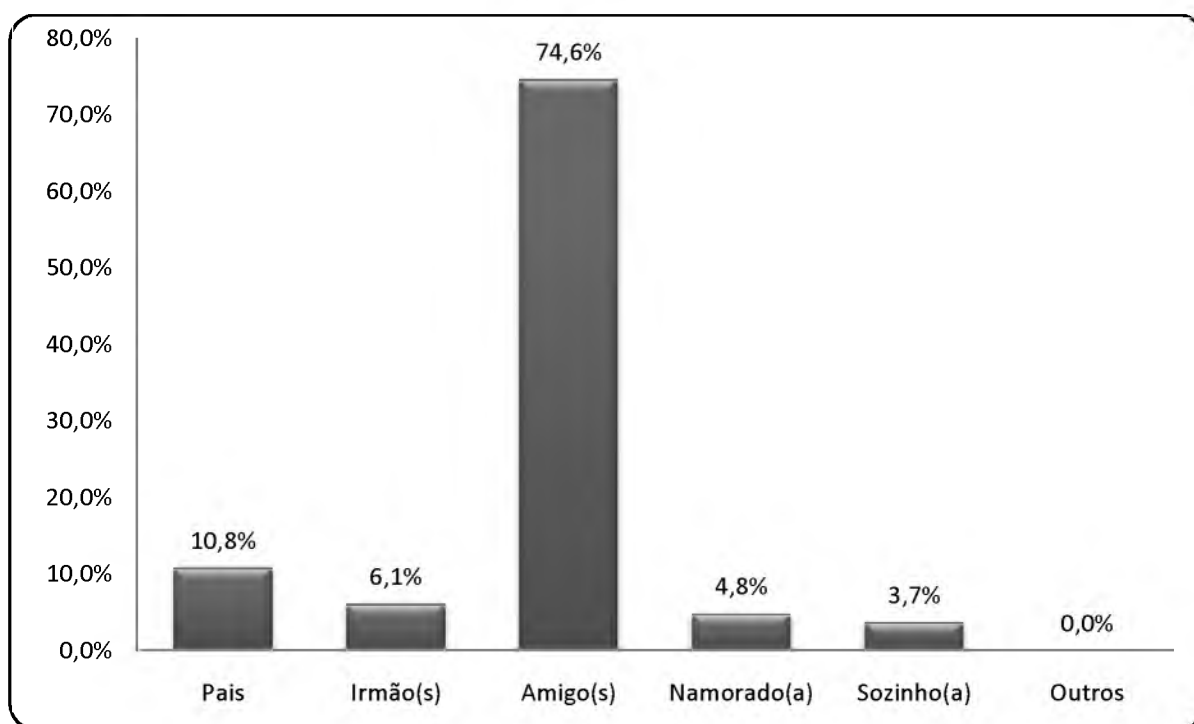
Quando indagados sobre o tempo de participação nas atividades, onze entrevistados (13,2%) declararam estar freqüentando as atividades há mais de um ano. Para 22,8% (dezenove indivíduos) o tempo de participação nas atividades encaixa-se no período entre seis meses a um ano. Ainda, para 33,9% dos entrevistados (vinte e oito respostas) o tempo de participação está acima de um ano e meio. Por fim, para vinte e cinco indivíduos (30,1%) o tempo de participação é inferior a seis meses.

Esses dados podem ser interpretados tomando-se dois parâmetros diferentes. O primeiro leva em consideração que a adesão dos participantes é duradoura, afinal 47,1% dos entrevistados participam das atividades por um período de tempo superior a doze meses. O outro parâmetro interpretativo leva em consideração que, nos últimos seis meses anteriores à coleta de dados, o número de participantes aumentou 30,1%.

Esse aumento de participantes pode ser novamente relacionado ao forte papel comunitário da monitora social Edna. Em conversa informal com a mesma, fiquei sabendo que, em muitos casos, é ela quem os convida a participarem das atividades e os busca em suas casas, quando necessário, para irem ao projeto. É

usual vê-la chegar à escola no início das atividades acompanhada de um grande grupo de jovens. Diante de tais observações – realizadas inclusive em outros momentos além do dia da pesquisa – posso considerar que a atuação da Edna é um dos principais facilitadores para que o Projeto Bola Cheia aconteça e seus participantes não desistam de participar.

GRÁFICO 10 - VEM AO PROJETO COM QUEM?



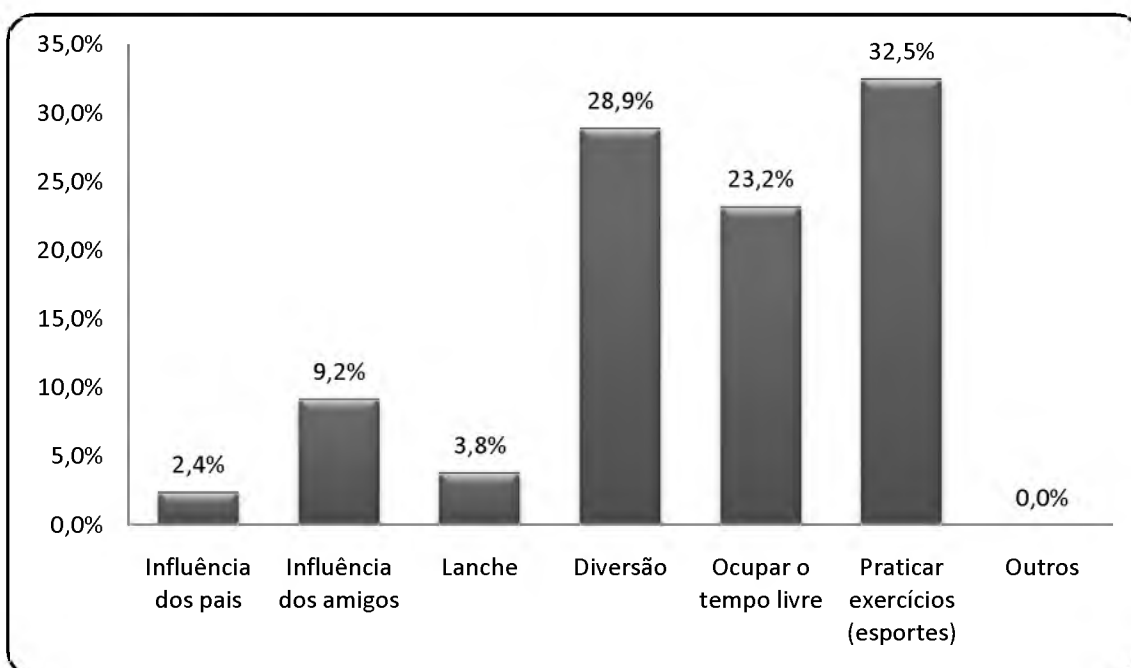
Ao serem questionados sobre quem os acompanha ao projeto, os entrevistados responderam da seguinte maneira: três (3,7%) disseram ir sozinhos, quatro (4,8%) afirmaram que freqüentam as atividades acompanhados(as) de seus(suas) namorados(as), cinco (6,1%) declararam ir com seu(s) irmão(s), nove (10,8%) afirmaram estar acompanhados de seus pais e, por fim, sessenta e dois (74,6%) afirmaram ir com amigos.

Esses dados demonstram que o projeto é um ponto de encontro da comunidade aos finais de semana. As atividades propostas se tornaram um espaço de lazer dos participantes, que fazem do local um “espaço favorável à sociabilização” (ZALUAR, 1994).



Conforme apontado anteriormente, algumas famílias participam do projeto: 10,8% dos entrevistados afirmaram ir com seus pais à escola. Faz-se importante ressaltar, no entanto, que a maioria dos pais não incentiva seus filhos a irem para o projeto.

GRÁFICO 11 - QUAIS AS TRÊS PRINCIPAIS RAZÕES QUE TE LEVAM A PARTICIPAR DO PROJETO?



Na tentativa de entender o que atrai tantos jovens em situação de vulnerabilidade social a saírem de suas casas em uma das regiões mais violentas da cidade de Curitiba para irem ao projeto em um horário bastante atípico, a pesquisa procurou elencar quais os três principais motivos que os fazem participar das atividades.

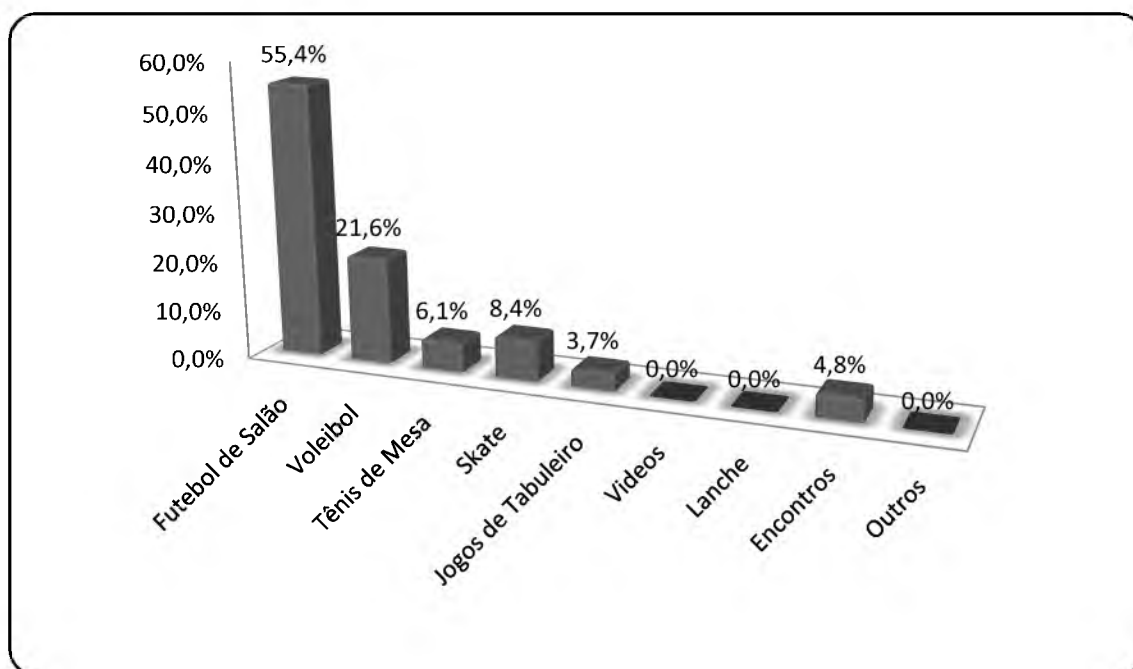
A alternativa “praticar exercícios físicos” foi a mais presente nos resultados com 32,5% das respostas. Em seguida esteve a diversão como uma das principais razões para participar do projeto, presente em 28,9% dos resultados. Em terceiro lugar ficou a proposta de participar para ocupar o tempo livre, com 23,2% das

respostas. Menos presentes estiveram as alternativas influência dos amigos (9,2%), lanche (3,8%), influência dos pais (2,4%) e “outros” (0,0%).

Do total de possibilidades, 84,6% dos entrevistados declararam que vão ao projeto para vivenciar momentos de lazer, seja pela prática esportiva, para ocupar o tempo ocioso ou para se divertir.

As alternativas mais assinaladas nos questionários corroboram com o conceito de esporte participação que, segundo Tubino (2001, p. 57) “tem caráter comunitário e democrático, buscando a participação de todos e relacionado ao tempo livre e ao lazer”.

GRÁFICO 12- DO QUE GOSTA MAIS NO PROJETO?



Como pôde ser observado nessa questão quando indagados sobre qual a atividade de sua preferência, para quarenta e seis indivíduos (55,4%) a modalidade futebol de salão foi a mais lembrada. Em segundo plano está o voleibol, com 21,6% da preferência dos entrevistados. A prática de skate aparece a seguir com 8,4% de respostas, seguida do tênis de mesa (6,1%), dos que declaram que vão ao projeto com a finalidade de encontros (4,8%) e dos que afirmam gostar dos jogos de

tabuleiro (3,7%). A proposta de vídeos com conteúdo esportivo, que são apresentados aos participantes, não foi lembrada por nenhum indivíduo. O lanche também não foi assinalado por ninguém como uma das atividades de preferência.

A preferência do futebol de salão pela maioria dos entrevistados se sustenta - além de ser o foco principal de atividade do projeto - também pelo fato de haver, na escola, além da quadra poliesportiva, espaços alternativos para a modalidade. Ao lado do ginásio as crianças menores jogam futebol de duplas (futebol de golzinho) e atrás do ginásio há ainda uma mini-quadra de futebol.

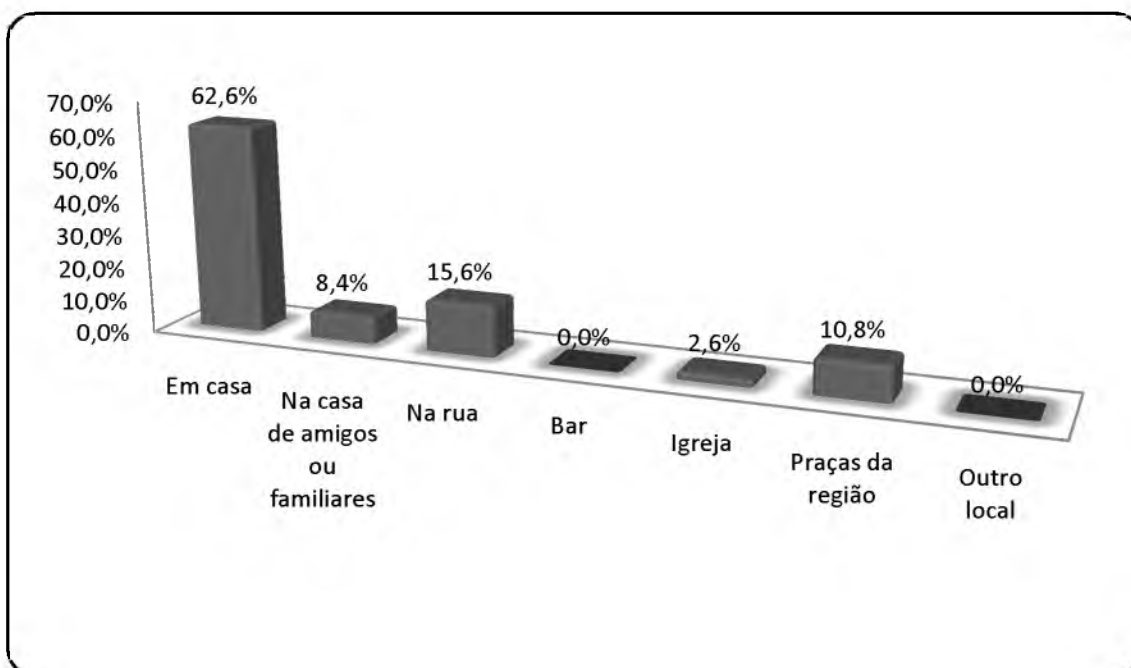
Em síntese essa modalidade é apropriada de maneiras diferentes pelos participantes. Enquanto na quadra principal o uso é feito pelos jovens e adolescentes maiores, nos espaços alternativos as crianças menores fazem uso das quadras.

Em relação às duas modalidades mais lembradas, foi possível perceber uma prevalência de gêneros nas atividades. Para a prática do voleibol a maioria maciça é de meninas. Em contrapartida, no futebol de salão, a maioria é de meninos. Conforme aponta Franzini (2005), no Brasil futebol ainda é tido como um esporte masculino.

Outro fato a ser destacado é que, atrás da escola, há uma pequena pista de skate, freqüentada assiduamente por um grupo específico de meninos. De maneira geral essa “prática esportiva é pouco difundida e historicamente marginalizada” (ARMBRUST, 2008, p.2). Para sete meninos que freqüentam o projeto (8,4%), no entanto, o skate é o motivo principal para sua presença no mesmo.

Por fim, para um pequeno grupo (4,8%) o motivo principal de irem ao programa são os encontros. Nesse grupo encaixam-se os indivíduos que, na falta de opções de lazer que envolvem sociabilização (como balada e outros eventos sociais) o programa é o único momento que eles dispõem para se relacionar com outras pessoas.

GRÁFICO 13 - SE NÃO ESTIVESSE NO PROJETO, ONDE ESTARIA NESSE PERÍODO?



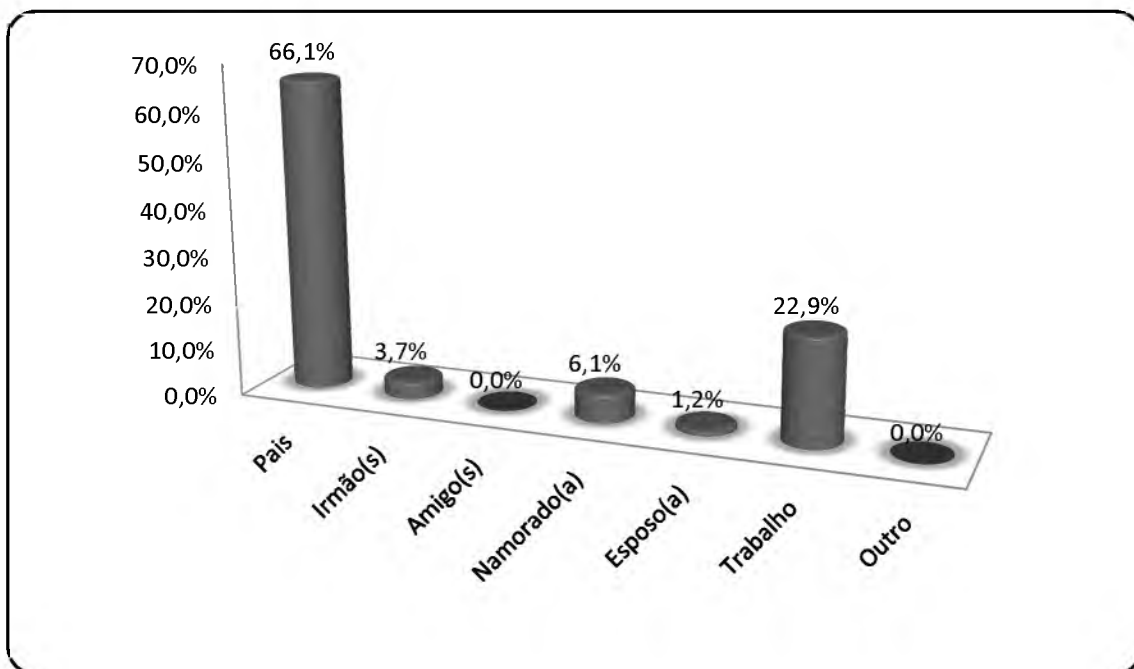
Sabendo que um dos objetivos específicos que fundamentam o Projeto Bola Cheia é “retirar jovens, em situação de risco das ruas no dias e horários de picos de crimes na sua comunidade” (PROJETO BOLA CHEIA, 2010), buscou-se com nessa questão identificar onde esses sujeitos estariam caso o projeto não existisse.

Nenhum dos entrevistados declarou que provavelmente estaria em algum outro local específico (0,0%) ou em bares (0,0%). Dois indivíduos (2,6%) disseram que estariam na igreja, enquanto que 8,4% (sete indivíduos) afirmaram que estariam na casa de amigos ou familiares. Em seguida, nove entrevistados disseram que estariam em praças da região (10,8%), enquanto que para 15,6% a opção de ficar pela rua provavelmente aconteceria (treze entrevistados). Por fim, contrariando as expectativas dos idealizadores do projeto, para a maioria dos entrevistados (62,6%) a opção de ficar em casa seria a mais provável caso o projeto não acontecesse.

Cabe aqui ressaltar que as alternativas “praças da região” e “na rua” se equivalem quando se referem a estar em locais públicos. Assim, o percentual de entrevistados que estariam em locais “abertos” se eleva a 26,4% da amostra (vinte e dois indivíduos).

Por fim, se comparadas ao percentual de respostas que se equivalem a estar em residências (71%) - seja em casa ou na casa de amigos ou parentes – o percentual de entrevistados que, segundo os objetivos do projeto, estaria em uma possível situação de vulnerabilidade social torna-se relativamente pequeno.

GRÁFICO 14 - O QUE TE DIFICULTA A PARTICIPAR DO PROJETO?



Quando questionados sobre qual a principal barreira que encontram para participarem das atividades, um indivíduo relatou que a relação conjugal é o principal motivo que os dificulta a participação nas atividades. Três indivíduos (3,7%) relataram que a falta de apoio dos irmãos seria a principal dificuldade. Cinco indivíduos (6,1%) afirmaram que os namoros interferem com a sua frequência no projeto. Dezenove indivíduos (22,9%) relataram que as obrigações trabalhistas eventualmente dificultam seu comparecimento ao projeto. Finalmente, cinquenta e cinco indivíduos (66.1%) disseram que a principal barreira para a sua participação no projeto é os pais.

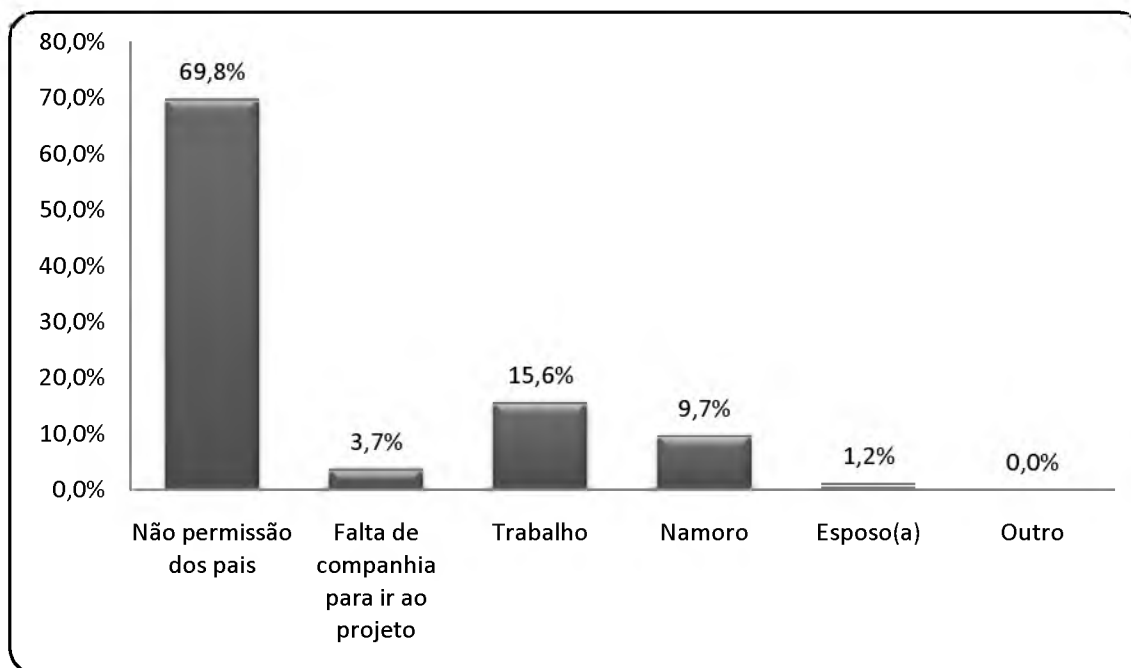
Devido a fatores já mencionados - como violência, drogas e vulnerabilidade - os pais temem pela segurança de seus filhos enquanto estão no projeto. Mesmo

sabendo que durante as atividades a segurança dos participantes fica a cargo da Guarda Municipal, os pais não se sentem seguros em deixar que seus filhos frequentem o projeto, provavelmente por temer, como já constatado em estudos semelhantes, os tipos de contatos que seus filhos podem fazer enquanto estão no projeto e também por temer pelo que pode acontecer aos mesmos durante o trajeto de ida e volta para o projeto (ABRAMOVAY *et. al.*, 2003; VARGAS, 2007; MENDES *et. al.*, 2007; SOUZA *et. al.*, 2010;). Cabe ressaltar, no entanto, que mesmo com a declarada posição contrária dos pais, os jovens e adolescentes ainda assim vão à escola, contrariando as recomendações de seus responsáveis.

Outro fato que tem relação direta com o horário diferenciado das atividades e que se torna uma barreira aos participantes é o trabalho. Devido a terem que se apresentar no trabalho bem cedo, o horário torna-se uma dificuldade para a participação deles nas atividades.

Para dezenove participantes (22,9%), as obrigações de trabalho são uma barreira a participação nas atividades, enquanto que para, respectivamente, cinco indivíduos (6,1%) e um indivíduo (1,2%), os namoros e o casamento são uma barreira para a participação.

GRÁFICO 15 – QUE POSSÍVEIS RAZÕES TE FARIAM DESISTIR DO PROJETO?



Para finalizar a pesquisa, os entrevistados foram indagados sobre quais motivos possivelmente os fariam desistir de participar do projeto. Mesmo estando no enunciado da questão que mais de uma alternativa poderia ser assinalada, em todos os questionários apenas uma resposta foi apontada pelos participantes.

Para apenas um indivíduo (1,2%) o casamento pode ser decisivo para que ele abandone o projeto. Para três participantes (3,7%) a falta de companhia para freqüentar as atividades pode fazê-los deixar de participar. Para oito entrevistados (9,7%) o namorado(a) pode fazer que eles não mais freqüentem as atividades. Para treze indivíduos (15,6%) o emprego seria fator crucial para que eles deixassem de participar do projeto. Finalmente, para cinquenta e oito entrevistados a não permissão dos pais poderia levá-los a desistir do projeto.

Mais uma vez se confirma a tendência de serem os pais ou responsáveis dos participantes uma das principais barreiras ao desenvolvimento do projeto. Porém, é interessante perceber nesse momento que, relacionando essa questão com o gráfico anterior, mesmo sem a permissão dos pais os entrevistados vão ao projeto. Mas, caso por algum motivo os pais os proibissem de maneira definitiva de ir, eles

abandonariam as atividades. Ou seja, a princípio os pais reprovam a participação nas atividades, mas não os proíbe de freqüentá-las.

Também, seguindo a tendência do gráfico anterior, os relacionamentos - seja namoro ou casamento - também seriam barreiras definitivas à participação nas atividades, seguidos pelo trabalho e, pela falta de companhia para ir ao projeto.



## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O propósito principal desta pesquisa foi a de realizar um levantamento do perfil dos participantes do Projeto Bola Cheia, levantar os principais facilitadores e barreiras para a realização das atividades e confrontar os dados obtidos com o que está estabelecido nas diretrizes do projeto e com o que efetivamente se concretiza no dia-a-dia.

Com o levantamento e análise dos dados, constatamos que mesmo o projeto sendo destinado a uma faixa etária específica (jovens de doze a dezoito anos de idade), também há no local um público não previsto nas diretrizes propostas, como crianças menores de doze anos de idade e adultos.

Constatamos também que o projeto está fundamentado na prática do futebol de salão e, como culturalmente esse esporte é mais praticado por homens, o gênero predominante nas atividades é masculino. Ainda assim, com a oferta de outras práticas esportivas, como o voleibol, o índice de mulheres no projeto chegou a um terço do universo pesquisado. Índice considerado pequeno em relação à totalidade dos participantes, que demonstra a necessidade de elaboração de uma proposta específica de atividades para maior participação feminina no projeto, seja por meio de novas práticas esportivas ou através da conscientização dos participantes em relação a gênero e esportes.

Grande parte dos participantes é jovem e solteira, dados que vão ao encontro do que está estabelecido nas diretrizes do projeto quanto a seu público alvo: jovens de baixa renda e em situação de vulnerabilidade social.

Os dados relativos à escolaridade dos participantes demonstraram que a idade dos mesmos é incompatível com seus graus de instrução. Esse fato deve ser considerado para uma possível intervenção do Poder Público no sentido de oferecer condições concretas para que eles possam de fato se dedicar aos estudos, pois, contraditoriamente ao grau de instrução, a maioria deles declarou estar regularmente matriculada no sistema de ensino.

Apenas uma pequena parcela dos entrevistados trabalha e, nessa parcela, aparecem profissões mal remuneradas ou que exigem baixo grau de instrução. A informalidade no mercado de trabalho prevalece nas respostas quando indagados sobre suas profissões. Em contrapartida, grande parte dos participantes da pesquisa encontra-se desempregada. Mesmo estando em idade economicamente ativa, seja por falta de qualificação, de estudo ou de oportunidade, é grande o número de desempregados na amostra pesquisada.

Mesmo sendo o projeto realizado em horário incomum, os participantes que começam a freqüentar as atividades tendem a permanecer por longos períodos participando do projeto. De acordo com os mesmos, apenas fatores como emprego, incompatibilidade de horário com alguma outra atividade, etc. são capazes de fazê-los deixarem de freqüentar o programa.

Os participantes têm o entendimento do projeto como um espaço/tempo para diversão, para ocupar o tempo livre e praticar exercícios. Fato que corrobora com o estabelecido nas diretrizes do projeto que pretende, dentre outras coisas, “prevenir, através de práticas esportivas, culturais e de lazer a violência em horários de maior incidência na comunidade local; principalmente envolvendo crianças e adolescentes”. (PROJETO BOLA CHEIA, 2010)

Contrariando um dos objetivos específicos do programa, que pretende “retirar jovens, em situação de risco, das ruas no dia e horários de picos de crimes na sua comunidade” (PROJETO BOLA CHEIA, 2010) a maioria dos participantes afirmou que não estaria nas ruas nesse horário caso não existisse o projeto. Esse discurso político de enfrentamento da violência através do esporte é falho quando, ao tentar justificar as ações do Poder Público, indiretamente afirma que os próprios beneficiados pelo programa seriam os responsáveis pela violência local, uma vez que quando eles estão participando das atividades a violência diminuiria.

Dentre as barreiras à realização do projeto identificadas na pesquisa, a de maior significância é a falta de apoio dos pais em relação ao programa. Devido à situação de insegurança e violência a que estão submetidos os moradores daquela

comunidade, uma parcela significativa de pais não aprova a idéia de que seus filhos participem das atividades.

Outros fatos que contrariam as diretrizes do projeto e tornam-se barreiras à sua efetivação são justamente seu horário diferenciado e a alta taxa de crimes na região.

Como principal facilitador ao projeto aparece a monitora social Edna. Com grande influência na comunidade, sua figura é tida como referência na continuidade e publicidade do programa.

Também, como fundamental facilitador ao projeto aparece a rede social lá formada. De acordo com a pesquisa, os amigos são responsáveis em divulgar as atividades e convidar uns aos outros para freqüentarem as atividades. Ou seja, o projeto tornou-se um centro de convivência na comunidade.

Conforme pôde ser constatado nos resultados desta pesquisa, para os participantes do projeto o esporte funciona como um meio de descontração, diversão e de desenvolvimento pessoal. Assim, através da interação obtida nas práticas esportivas o projeto amplia os vínculos sociais dos participantes.

O esporte pode ser utilizado como ferramenta de desenvolvimento integral de crianças e jovens, na construção de valores e como meio de relações sociais. Entretanto, não basta que o Poder Público crie projetos sociais para a infância e adolescência em situação de risco imaginando que apenas o esporte será capaz de solucionar todas as dificuldades e suprir todas as necessidades dessa população. É preciso compreender que a prática esportiva pode ser um dos agentes transformadores dessa realidade, mas que, sozinha, pouca coisa poderá fazer.

Para facilitar a aprovação dos pais em relação a participação de seus filhos no projeto, este poderia talvez oportunizar atividades também voltadas a eles, uma vez que, estando no mesmo espaço que seus filhos, questões como horário, deslocamento e insegurança poderão ser minimizadas.

Mais estudos são necessários em diferentes locais onde acontece o Projeto Bola Cheia para que haja melhor compreensão das barreiras e facilitadores nas

demais comunidades abrangidas pelas atividades do programa, fornecendo subsídios para um melhor direcionamento da organização do projeto e atividades, de acordo com os interesses e realidade dos participantes.

## REFÊRENCIAS

ABRAMOVAY, M.; ANDRADE E. R.; FARAH NETO, M.; CASTRO, J. P. **Avaliação do Programa Abrindo Espaços na Bahia**. Brasília: UNESCO, Observatório de Violências nas Escolas, Universidade Católica de Brasília, UNIRIO, 2003. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001313/131368POR.pdf> . Acesso em: 29 set. 2010.

ABRAMOVAY, M. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO. BID, 2002.

ARMBRUST, I. O skate associado às dimensões educacionais. In: **III Congresso Brasileiro de Esportes de Aventura**, 2008, Santa Teresa/ES. ANAIS III CBAA, ES, 2008.

BOFF, L. **Depois de quinhentos anos: que Brasil queremos?** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRACHT, V. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. Ijuí: Ed. UNIFUÍ, 2005.

BRASIL. Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm)> Acesso em 19 set. 2010.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social. Uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTEL, R. **A insegurança social: o que é ser protegido?** Petrópolis: Editora Vozes, 2005b.

CRUANHES, M. C. S. **Cidadania: educação e exclusão Social**. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2000.

CURITIBA. Lei Ordinária nº 12.667, de 04 de abril de 2008, Cria a Secretaria Antidrogas Municipal - SAM, altera dispositivos da Lei nº 7.671, de 10 de junho de 1991, e suas alterações, e da Lei nº 11.100, de 21 de julho de 2004, que autoriza o Executivo Municipal a criar o Conselho Municipal de Políticas Sobre Drogas de Curitiba e dá outras providências. **Diário Oficial Atos do Município de Curitiba**. Curitiba, n. 26, p. 10, 8 abr. 2008.

CURITIBA. Secretaria Municipal de Comunicação Social. **Projeto Bola Cheia**. Curitiba, 2010.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUMAZEDIER, J. **Planejamento de lazer no Brasil: a teoria sociológica da decisão**. Traduzido por Regina Maria Vieira. São Paulo: SESC CODES/DICOTECELAZER, 1980.

ELIAS, N. **Introducción**. In Elias e Dunning, Deporte y ocio en el proceso de La civilization. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992.

ESPORTE E SOCIEDADE. Comissão de Especialistas de Educação Física [do Ministério do Esporte]. 2.ed. v.1. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação à Distância, 2004.

FARINATTI, P. de T. V.; FERREIRA, M. S. **Saúde, promoção da saúde e educação física: conceitos, princípios e aplicações**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2006.

FRANZINI, F. **Futebol é coisa para macho? Pequeno esboço para uma história as mulheres no país do futebol**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 25, n. 50, (2005).

GONÇALVES, M. A. R. **A Vila Olímpica da Verde-e-Rosa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

HASSENPFUG, W. N. **Educação pelo esporte: educação para o desenvolvimento humano pelo esporte**. São Paulo: Editora Saraiva: Instituto Ayrton Senna, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico:** indicadores sociais; crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 19 ago. 2010

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas do Registro Civil 2007.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 18 set. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores Sociais.** Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 19 set. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese dos Indicadores Sociais.** Sala de imprensa. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 21 set. 2010.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação.** 3.ed.Campinas: Papyrus, 1995.

MELO, M. Para Além do Salvacionismo ou Considerações sobre Políticas de Esporte em Favelas. In **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

MELO, V. A. **Projetos sociais de esporte e lazer:** reflexões, inquietações, sugestões. Disponível em <http://quadernsanimacio.net>. nº 7. Acesso em Janeiro de 2008; ISSN 1698-4044

MELO, M. **Esporte social futebol clube:** contradições e dilemas em nosso tempo. Democracia Viva, n. 32, p. 54-58, jun 2007. Especial Pan 2007.

MENDES, V. R. *et al.* Como os pais percebem a participação dos filhos no Programa Segundo Tempo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XV, Pernambuco. **Anais...** Recife: CBCE, 2007. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/265.pdf>. Acesso em: 29 set. 2010.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Documento final da I Conferência Nacional do Esporte,** 2004, Brasília. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/conferencianacional/conferencia1/documentoFinalVisualizacao.jsp>. Acesso em: 3 abr. 2010.

MONTAÑO, C. **Terceiro Setor e questão social**: crítica ao padrão emergente de intervenção social. São Paulo: Cortez, 2002.

MOREIRA, W.; SIMBES, R. **Dimensões sociais do esporte** – Universidade e políticas públicas municipais: uma experiência vivida. Curitiba: Coletânea do III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1995, pp. 242-248.

OLIVEIRA, S. A. **A reinvenção do esporte**: possibilidade da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001. PEREIRA, Flávio Medeiros. **Dialética da cultura física**. São Paulo: Editora Ícone, 1998.

PIMENTEL, G. G. A. **Lazer**: fundamentos, estratégias e atuação profissional. Jundiaí, SP: Fontoura, 2003.

PORTAL BRASIL. **Programas Sociais do Governo Federal**. Disponível em: <http://www.brazil.gov.br>. Acesso em: 18 set. 2010.

PROJETO BOLA CHEIA (site oficial do Projeto Bola Cheia). Disponível em: <http://www.antidrogas.curitiba.pr.gov.br/index.php>. Acesso em 10 mai de 2010.

SANTOS, M. L. **Juventude, exclusão e violência**: o futebol como uma nova dimensão socializadora no universo da "favela". 1999. 229 f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.

SECRETARIA ANTIDROGAS MUNICIPAL (site oficial da Secretaria Antidrogas Municipal). Disponível em: <http://www.antidrogas.curitiba.pr.gov.br/index.php>. Acesso em 10 maio de 2010.

SOUZA, D. L.; VIALICH, A. L.; EIRAS, S. B.; MEZZADRI, F. M. **Determinantes para a implementação de um projeto social**. Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, vol. 16, nº. 3 (2010). Disponível em <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/3099>. Acesso em 29 set de 2010.



STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilo de vida: um estudo etnográfico**. Campinas: Editora Autores Associados, 2002.

TAVARES, S. Avaliação de projetos sócio-esportivos. In: MELLO, V. de A.; TAVARES, C. **O exercício reflexivo do movimento: educação física, lazer, e inclusão social**. Rio de Janeiro:Shape, 2006. p. 200-211.

TOSIN, M. M. Análise conjuntural da realidade mundial e brasileira na atualidade. In: **Anais do Seminário Criança e Adolescente em Situação de Risco: uma compreensão necessária**. Curitiba: IMAP, 1996.

TUBINO, M. **Dimensões Sociais do Esporte**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TUBINO, M. **Educação Física e o Esporte do Ocidente no Século XX**. Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, Vol. 1, n. 2, p. 99-100. julho/dezembro, 2005.

TUBINO, M. **Dimensões Sociais do Esporte**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TUBINO, M. **Educação Física e o Esporte do Ocidente no Século XX**. Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, Vol. 1, n. 2, p. 99-100. julho/dezembro, 2005.

VARGAS, L. S. **Esporte, interação e inclusão social: um estudo etnográfico do "Projeto Esporte Clube Cidadão"**. 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. Disponível em: [http://btdtd.unisinos.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=434](http://btdtd.unisinos.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=434) . Acesso em: 29 set. 2010.

XIMENES, T. M. Educação e violência: a produção da demanda para a educação nãoformal. In: VON SIMSON, O. M. ; PARK, M. B. ; FERNANDES, R. S. (org.). **Educação não-formal: cenários de criação**. Campinas: Unicamp/Centro de Memória, 2001.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ZALUAR, A. **Cidadãos não vão ao paraíso**. São Paulo: Editora Escuta; Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

## **ANEXOS**

## ANEXO 01 - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PARTICIPANTES DO PROJETO BOLA CHEIA

Idade

- até 10 anos
- entre 11 e 15 anos
- entre 16 e 20 anos
- acima de 21 anos

Sexo

- Masculino
- Feminino

Estado Civil:

- Solteiro(a)
- Casado(a)

Filhos:

- Não
- Sim
- Quantos? \_\_\_\_\_

Escolaridade:

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo

Estuda atualmente?

- Não
- Sim

Trabalha atualmente?

- Não
- Sim. Em quê? \_\_\_\_\_

Como conheceu o projeto?

- Amigos
- Família
- Na escola
- Televisão
- Outros. Especifique: \_\_\_\_\_

Há aproximadamente quanto tempo participa?

- Menos de seis meses
- De seis meses a um ano
- De um ano a um ano e meio
- Mais de um ano e meio

Vem ao projeto com quem?

- Pais
- Irmão(s)
- Amigo(s)
- Namorado(a)
- Sozinho(a)
- Outros. Com Quem? \_\_\_\_\_

Quais as **três principais razões** que te levam a participar do projeto?

- Influência dos pais
- Influência dos amigos
- Lanche
- Outros. Especifique \_\_\_\_\_
- Diversão
- Ocupar o tempo livre
- Praticar exercícios (esportes)

Do que **gosta mais** no projeto?

- Futebol de Salão
- Voleibol
- Tênis de Mesa
- Outros. Explique: \_\_\_\_\_
- Skate
- Jogos de Tabuleiro
- Vídeos
- Lanche
- Encontros

Se não estivesse no projeto, **onde estaria nesse período?**

- Em casa
- Na casa de amigos ou familiares
- Na rua
- Bar
- Igreja
- Praças da região

